

GUIA DE INTERSECCIONALIDADES NA AGENDA 2030



para educação transformadora



Grupo de Trabalho da Sociedade
Civil para a Agenda 2030



Financiado pela
União Europeia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guia de interseccionalidades na Agenda 2030 [livro eletrônico] : para uma educação transformadora / coordenação e organizadores Thiago Gehre, Ana Paula Antunes Martins. -- Brasília, DF : Universidade de Brasília, 2021.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-00-29967-0

1. Agenda 2030 para desenvolvimento sustentável
2. Educação - Aspectos socioculturais 3. Educação - Finalidades e objetivos 4. Extensão universitária
5. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)
6. Sustentabilidade I. Gehre, Thiago. II. Martins, Ana Paula Antunes.

21-79510

CDD-370.1934

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação : Aspectos socioculturais : Sociologia educacional 370.1934

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Interseccionalidades na Agenda 2030

Guia para Instituições de Ensino Superior

O **Guia de Interseccionalidades na Agenda 2030** é um dos produtos que fazem parte do projeto Selo ODS e as Universidades Brasileiras: Proposta de Tecnologia Social para o fortalecimento do Grupo de Trabalho (GT) da sociedade civil para Agenda 2030 por meio do alinhamento das universidades públicas à Agenda 2030 e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Este projeto conta com recursos de edital da União Europeia submetido pelo GT da sociedade civil para Agenda 2030 e é uma parceria entre o UnB 2030 - Programa estratégico do Decanato de Extensão Universidade de Brasília, criado em 2018, com o objetivo de implementar, mapear e articular a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, o Instituto Selo Social, o Projeto FIB 2030 e a coletiva feminista e projeto de extensão Roda das Minas.

[INFORMAÇÕES DE COMO USAR O CONTEÚDO]

Este material pode ser considerado como uma estratégia de divulgação científica inclusiva, podendo ser utilizado em espaços de ensino formal, isto é, aqueles pertencentes ao ambiente escolar de ensino regular. E também aos espaços de ensino não formal, onde ocorre o desenvolvimento de atividades de cunho educacional com um objetivo pré-estabelecido, como por exemplo os museus, as exposições e os centros de ciências.

-> Você já viu o Guia da Agenda 2030 para as Universidades?

Grupo de Trabalho da Sociedade
Civil para a Agenda 2030



Financiado pela
União Europeia



Coordenação:

Prof. Dr. Thiago Gehre (Universidade de Brasília, UnB)

Interseccionalidades na Agenda 2030: Guia para Educação transformadora

Coordenação e Organizadores:

Prof. Dr. Thiago Gehre

(Universidade de Brasília, UnB)

Profa. Dra. Ana Paula Antunes Martins

(Universidade de Brasília, UnB)

Equipe:

Carolina Menezes Lima

Giovanna Pinto Lemos da Silva

Isabela Nascimento Ewerton

Jéssica Giuliana Guedes Rocha

Letícia Alves Braga

Mariana Conceição da Silva

Rodrigo Ramiro

Luiz Valério

Thays Merçon

Rafaela Freitas Santos Lenares

Kawê da Silva Veronezi

Evellyn Suellen Araujo de Souza

Élida Fernanda Santos Silva

Fernanda Rodrigues da Rocha

Projeto Gráfico e Ilustrações:

Caio Ayres Farage

Revisão Final:

Julho de 2021

Sumário

• Agradecimentos	9
• Educar para não deixar ninguém para trás: agora é com você!	10
• Um olhar da Extensão Universitária sobre a interseccionalidade e a Agenda 2030	12
• Percursos Interseccionais	16
• Vamos conhecer mais sobre esta equipe maravilhosa e suas trajetórias?	18
• O que é o Guia?	24
• Manifesto	25
• Em que acreditamos?	27
• Pra quem é o Guia?	29
• Significado da palavra Guia	31
• Você sabe quais Objetivos do Desenvolvimento Sustentável entrelaçam sua vida no dia a dia?	31
• Como e o que podemos aprender com histórias de vida?	33
• Que tal conhecer Marielle?	34
• Que tal conhecer Yaguarê Yamã?	41
• Aplicando a Interseccionalidade na Agenda 2030	45
• Na prática 1	45
• Na prática 2	46
• Identificando os ODS na prática	47
• Na prática 3	48
• Na prática 4	53
• Desenho teórico	58
• Glossário	62
• Mapeamento de Coletivas/os e Projetos de Extensão	66
• Leituras inspiradoras	75

AGRADECIMENTOS

A Roda das Minas agradece profundamente a Professora Ana Paula Antunes por nos conectar com o Professor Thiago Gehre e a Agenda 2030. Agradecemos também a todos que contribuíram nessa construção coletiva que é o Guia, sejam os membros do Grupo de Trabalho ou participantes dos Workshops. Por fim, agradecemos às nossas redes de apoio e a todo o apoio físico, emocional e moral que recebemos durante estes meses de planejamento, execução e escrita. Todas as horas dedicadas à elaboração deste material valeram a energia investida e depositada nessa empreitada. Só temos a agradecer e esperamos que o Guia seja um instrumento capaz de aproximar a Agenda 2030 das diversas realidades brasileiras por meio da educação. Que as reflexões compartilhadas neste material provoquem e movimentem internamente para que as pessoas se mobilizem e se organizem coletivamente para operar na prática as transformações que precisamos para a sociedade mais justa e solidária que almejamos. - **Roda das Minas**

Não há palavras para descrever a gratidão àqueles que acreditaram nesta ideia e a tornaram realidade. Uma menção especial a Isabelle Silva e Rafaela Freitas por toda dedicação e cuidado com nosso projeto. Também deixo meu abraço apertado para toda a equipe da Roda das Minas que me ensinaram muito nesta trajetória e são as verdadeiras responsáveis por este trabalho. Agradeço a Luiz Valério por compartilhar suas ideias conosco e deixar sua marca neste trabalho. Por fim, obrigado ao GT da Sociedade Civil pela Agenda 2030 por alimentar nossas esperanças que podemos fazer a diferença neste Brasil. - **Thiago Gehre**

Gostaria de agradecer a Roda das Minas, sobretudo, as integrantes Carolina, Giovana, Isabela, Jéssica, Leticia e Mariana, que trabalharam com empenho para que o Guia fosse um material inclusivo e de qualidade. Deixo ainda, meu muito obrigada ao professor Thiago Gehre e ao Rodrigo Ramiro, que foram essenciais para as discussões, sempre colaborando com colocações pertinentes. Por fim, agradeço ao Kawê, Evellyn, Élida, Fernanda e Thays que contribuíram ativamente em todas as etapas do processo, e ao Caio, que fez um trabalho absolutamente incrível com as artes. Sem cada um vocês nada disso seria possível. - **Rafaela Freitas.**

Gostaríamos de agradecer a parceria com o GTSC-A2030, com o qual esperamos somar ao seu trabalho de resistência na implementação da Agenda 2030 no país, e à União Europeia pelo apoio financeiro. A equipe do Projeto UnB 2030 agradece a coletiva Roda das Minas por ter liderado a realização do Guia que envolveu mais de 100 pessoas. Muito obrigado ao Caio Ayres Farage, pela parte gráfica e ao grupo pela revisão. - **Rodrigo Ramiro**

Educar para não deixar ninguém para trás: agora é com você!

A Agenda 2030 incorpora conceitos e perspectivas voltadas para a garantia dos direitos, como por exemplo, o conceito de vida saudável e bem estar. Trata-se de um compromisso global para que as pessoas e seus direitos estejam no centro, para que elas tenham acesso justo a recursos naturais, econômicos, culturais, políticos e sociais que lhes dêem oportunidades para se desenvolver em harmonia com o meio ambiente e todos os demais seres vivos que nele habitam.

Trata-se de compromisso global para que as macroestruturas políticas, sociais e econômicas não sigam gerando concentração de oportunidades, riquezas e privilégios para uns; mais exclusão e desigualdades entre grupos populacionais e entre nações, mais restrições e violações de direitos para outros. Para que se cumpra este pacto é preciso compreender o que ele, efetivamente, pode significar em nossas vidas, na vida de nossas famílias e comunidades.

Embora para muitas pessoas e instituições o desenvolvimento esteja restrito à sua dimensão econômica, é preciso saber que esta dimensão é necessária, mas não suficiente. Pensando na pobreza, por exemplo, sabemos que o bem-estar de uma pessoa está conectado com o domínio que ela tem sobre bens econômicos mas, como já disse Amartya Sen, as oportunidades que uma pessoa tem de fazer escolhas e alcançar realizações em sua vida não são limitadas, exclusivamente, ao seu conjunto orçamentário. São muitas as circunstâncias individuais e coletivas que afetam a conversão de bens e serviços em oportunidades: idade, talentos, deficiências, propensão a doenças, estrutura da família, disponibilidade de uma rede de seguridade social, condições epidemiológicas, acesso à água potável e saneamento, a transporte e infraestrutura, incidência de crimes no território de residência, o fato de o mercado ser reconhecido pela sociedade como locus referencial das relações políticas, econômicas e sociais, a representação social da raça, etnia, sexo, orientação sexual, identidade de gênero da pessoa, entre outras.

Neste contexto o Guia se constitui num instigante e motivador instrumento para que ações educativas se estabeleçam em ambientes onde impera o princípio de emancipação e não de regulação; onde caibam todas as pessoas e suas singularidades; onde se reconheça e busque intervir, positivamente, em dinâmicas que se dão nos territórios e que só que faz parte compreende.

As mudanças de atitudes, valores, práticas e comportamentos que podem ser geradas inspiradas pelo Guia podem ir muito além dos 17 Objetivos; podem estimular a compreensão (ou ao menos a tentativa de compreensão) acerca das interações entre os sujeitos, entre sujeitos e instituições, entre sujeitos, instituições e o ambiente em sua porção urbana ou rural e tudo aquilo que pode depender dessa interação.

O direito ao desenvolvimento pressupõe direito à liberdade, à dignidade e à justiça. As histórias de vida apresentadas no Guia ilustram a multidimensionalidade em que devemos atuar para seguir em defesa do direito ao desenvolvimento individual, social, econômico, político, ambiental

e cultural. São muitos conjuntos, que se cruzam, se interseccionam, misturam-se sem perder características específicas. Não são vivências isoladas, não se trata do isolamento de características identitárias. As histórias de vida registram restrições geradas pela pobreza, racismo, etnocentrismo, sexismo, machismo, etarismo, moralismo sexual e, ao mesmo tempo, indicam possibilidades de transformação.

Produzir conhecimentos, valorizar e disseminar saberes, estimular a criação de soluções, replicar aprendizados, potencializar e escalonar resultados, tomar decisões corretas, baseadas em evidências, com vistas ao bem comum, é papel da universidade, mas extrapola seus muros. O Guia é elaborado na universidade mas não se prende a ela. Ele se pretende um instrumento de provocação, inspiração, extrapolação e, sobretudo, modificação. É um convite a desembarçar as lentes que, muitas vezes, impede que os espaços educativos formais e informais sejam, efetivamente, democráticos, plurais e emancipatórios. As reflexões que as e os autores do Guia nos convidam a fazer podem contribuir para que menos pessoas fiquem para trás e mais pessoas se preparem para exercer seu real poder de decisão e escolha, com capacidade para determinar seu próprio destino e alcançar seu pleno potencial.

E a expectativa é que você não só entre na roda, mas também traga outras pessoas e a faça girar. Se o caminho foi tortuoso demais, influencie para que novas rotas sejam criadas. Lembre-se: a mudança vem com boa (e contínua) cobrança.

O convite está feito. Agora é com você!

Fernanda Lopes*

***Doutora em Saúde Pública. Pesquisadora Independente
na empresa Niketche: transformando realidades.**

Um olhar da Extensão Universitária sobre a interseccionalidade e a Agenda 2030

Olgamir Amancia Ferreira

Decana de Extensão da UnB

Coordenadora do COEX/Andifes

Presidenta do FORPROEX

A universidade não pode ser um espaço que se restrinja ao ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente desenvolvidos pela humanidade numa perspectiva diletante, "como um ato de fruição erudita ou de vaidade acadêmica", como nos alerta Darcy Ribeiro. Certamente ela deve fundamentar sua política educacional na memória histórica da produção do conhecimento, entendendo essa dimensão como necessária, mas, especialmente, como ponto de partida para acolher outras formas de pensar e conhecer, para acolher as novas realidades que surgem a luz dos novos contextos e as contradições decorrentes delas.

A universidade deve se constituir no espaço provocador das inquietações diante do que está instituído, na expectativa de instituir o novo, por isso deve primar pela liberdade dos sujeitos em pensar, sonhar, criar e questionar. A crítica fundamentada nas teorias, nas experiências e vivências, na análise rigorosa da realidade é terreno fértil ao fomento de múltiplas possibilidades de construção de novas formas de conhecer e se relacionar com o mundo, por isso, deve constituir-se em ferramenta intrínseca aos processos acadêmicos no cotidiano da educação superior. A dimensão formativa capaz de responder a esta complexidade é a extensão universitária: organizada por meio de ações que articulam as diferentes áreas do saber, com dimensão formativa que situa a atividade educativa no contexto social e cultural e que entende a relação dos sujeitos envolvidos como fundamental. Em essência, a universidade se define pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Se constitui, portanto, em espaço rico em possibilidades para a promoção de análises interseccionais sobre a realidade.

No caso específico do Guia que ora apresentamos sobre as interseccionalidades na Agenda 2030, relacionadas sobretudo aos marcadores de gênero, raça e sexualidades, se caracteriza como oportunidade de compartilhamento de conhecimentos executados a partir da energização entre diferentes áreas do saber, por meio da interdisciplinaridade e das diferentes categorias profissionais mobilizadas no processo. A rigor o Guia comunica atividades desenvolvidas em estreita vinculação à comunidade externa, à investigação e explicita maneiras de se alcançar as diferentes razões e associações possíveis entre os diversos fatores para se atingir a compreensão do fenômeno, confirmando a atividade extensionista como espaço potencial para a construção de uma visão mais ampla dos ODS e das suas possibilidades.

O Guia de Interseccionalidades da Agenda 2030, organizado como parte das ações do projeto Selo ODS e as Universidades Brasileiras, compõe a política de extensão da Universidade de Brasília, mediante um de seus programas estratégicos, denominado UnB 2030. Esse programa foi concebido

baseado na compreensão de que uma estrutura pedagógica dessa natureza cria as condições para aproximar a universidade de si mesma e a torna consciente do que ela é, e das múltiplas possibilidades para o desenvolvimento da ciência, de conhecimentos necessários à construção de um mundo justo e sustentável.

Nessa perspectiva, possibilitar que no âmbito da universidade se debata as questões expressas na realidade e associá-las aos ODS devidamente contextualizados, assume grande relevância, especialmente quando recrudescem os preconceitos e discriminações, com franca ampliação das violências de gênero, raça e sexualidade, agravadas pelos marcadores de classe e etnia. Entretanto, o desafio é atuar para que estrategicamente se compreenda as potencialidades dos projetos quando realizados interdisciplinarmente, numa perspectiva de articulação entre diferentes áreas de conhecimento e diferentes grupos profissionais, tanto interno ao ambiente acadêmico, quanto fora dele, nos mais distintos territórios articulados aos ODS.

Na UnB identificamos, a partir dos marcadores de raça e gênero, um total de 23 (vinte e três) projetos registrados no Sistema Integrado de Gestão (SIG-A da extensão). Essas atividades foram institucionalizadas, entre os anos de 2020 e junho de 2021, período emblemático da história contemporânea atravessado pela pandemia da Covid-19. Ainda que sob a égide limitadora da não presencialidade física e do desenvolvimento das atividades acadêmicas por meio do ensino remoto, observa-se que essas agendas contemplam a totalidade das 8 (oito) áreas definidas na Política Nacional de Extensão (Forproex,2012), quais sejam: educação, saúde, direitos humanos e justiça, meio ambiente, tecnologia e produção, trabalho, comunicação e cultura.

O resultado do levantamento dos dados sobre as ações de extensão, anteriormente referido, indica a perspectiva interseccional na abordagem dos principais marcadores sociais que perpassam as atividades, ainda que essa categoria analítica (interseccionalidade) não esteja expressa literalmente. São exemplares dessa compreensão os projetos vinculados a área de educação que envolvem, ao mesmo tempo, gênero, classe, etnia e aprendizagem em matemática ou projetos que tratam da violência contra as mulheres, que constroem a proposta articulando gênero, trabalho, raça e tecnologias sociais, dentre outros.

De toda forma, entende-se que a compreensão do processo se dará por meio da mobilidade de diferentes conhecimentos e das múltiplas determinações históricas, sociais e econômicas, ou seja, elementos de ordem estrutural e contextual. Também, se apreende que para além do desvelar da realidade, as atividades de extensão devem ser desenvolvidas oportunizando que se cumpra a diretriz transformadora resultante da relação universidade sociedade. Isto é, ao tempo que oportuniza a vinculação com o território, por meio da interação dialógica, cria as condições para a transformação ao evidenciar, a partir do compartilhamento de conhecimentos as condições necessárias e possíveis de intervenção na realidade, por meio da proposição de políticas públicas que visem a equidade e a justiça social.

Nesse sentido, um Guia organizado a partir da metodologia de histórias de vidas as quais foram construídas referenciadas nos marcadores sociais de gênero, raça e sexualidade, acrescidos de encontros virtuais com pessoas interessadas nesta construção coletiva, junto ao projeto de

extensão Roda das Minas e o grupo de docentes e discentes que compuseram o projeto, oportuniza por meio de linguagem simples, em sintonia com a realidade cotidiana, a comunicação de como estes marcadores interagem entre si, as relações derivadas dessas interações, estimulando a uma investigação permanente sobre outras interações possíveis resultantes das aproximações e distanciamentos com outros marcadores sociais existentes na complexa teia das relações sociais.

Tais metodologias, tanto de histórias de vida, quanto de encontros coletivos, não foram escolhas eventuais e sim parte fundamental da compreensão e compromisso de que um Guia que trate deste tema precisa também perpassar por uma construção orgânica que lhe seja coerente. Reiteramos que, para além da necessária apropriação dos elementos que desvelam a realidade, por meio do Guia busca-se mobilizar para o agir. A aproximação das experiências contadas na forma de histórias de vida, atravessadas transversalmente pelas reflexões construídas coletivamente, estimuladas por meio das perguntas como se fossem palavras geradoras a provocarem o debate e vinculação aos diferentes ODS, evidenciam as fragilidades e possibilidades de superação e a compreensão que o alcance desses objetivos é tarefa coletiva que pluralmente deverá ser construída.

Um Guia Sobre Reencontros

Alessandra Nilo

Coordenadora Geral da Gestos

Co-facilitadora do Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030.

A ideia de interseccionalidade é um dos pilares centrais da Agenda 2030 e durante a sua negociação ficou evidente que um dos grandes paradigmas a ser superado no desenho das políticas nacionais é o da verticalidade programática que, de maneira geral, especialmente em países como o Brasil, tem se mostrado falha em compreender como marcadores sociais da diferença tais como raça, classe e gênero são essenciais na construção de respostas efetivas de políticas públicas, programas e serviços que, de fato, não deixem ninguém para trás.

Em 2015, ainda que tenha sido difícil traduzir tal ideia, no âmbito global foi possível encontrar denominadores comuns entre os contextos de tantos países desiguais e diversos. A evidente complementariedade entre o conjunto de metas e indicadores dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) resulta justo do alinhamento dos desafios em comum para alcançar, por exemplo, o fim da pobreza e da fome, para garantir saúde, educação e trabalho, para alcançar a igualdade de gênero, a justiça socio-ambiental e transformar nosso planeta em um lugar onde se sofre menos preconceito, estigma e discriminação.

Contudo importa sempre reforçar que, para nós que literalmente participamos da construção desses 17 grande objetivos, eles sempre foram uma base, um piso mínimo – a ser protegido em alguns Estados Membros ou ainda a ser alcançado em outros – sem o qual implodiríamos todos os avanços civilizatórios em curso. E isso, operativamente falando, significa que é papel do Estado, no conjunto

de suas instituições, e da sociedade como um todo, completar a tarefa doméstica de localização dos ODS atuando para que eles reflitam e construam diálogos realistas e pertinentes, com as realidades nas quais buscam interferir para melhorar.

Neste sentido, o Guia de Interseccionalidades na Agenda 2030 para uma Educação Transformadora contribui para esse papel especial posto às instituições de ensino superior que, atuando de forma articulada, podem cada vez mais apontar caminhos e apresentar soluções que nos ajudem a enfrentar as questões estruturais do Brasil, historicamente marcado pelas desigualdades econômicas, de gênero e raça, o que é fundamental num contexto no qual, não apenas pela pandemia da Covid-19, observamos o país na vanguarda do retrocesso mundial, com evidente crescimento das violências contra as mulheres, contra a população negra, contra os povos originários e comunidades tradicionais.

Para nós, este Guia traz o frescor revigorante característico das intervenções crítico-propositivas que têm marcado a atuação do Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030, do qual o UnB 2030 é membro ativo. Ele nos abre muitas e diversas possibilidades diante das tantas e também múltiplas situações a que busca responder, dando concretude à implementação dos ODS nos territórios e também pautando de forma inovadora a centralidade da arte, da cultura e da comunicação na construção de sociedades pacíficas, inclusivas e justas.

Por isso, muito importa destacar a escolha e construção metodológica para produção deste material como coerente com seu conteúdo. A escolha por histórias de vida e por encontros virtuais com participação de pessoas interessadas da sociedade civil para criação de maior legitimidade ao material toma significados ainda mais profundos, ao posicionamento na conjuntura nacional e internacional que o Brasil e nós, enquanto população, nos encontramos.

Sob a concepção de que a Agenda 2030 não é uma proposta de futuro, mas do presente, este é um trabalho de fôlego que nos desafia a rever e a ressignificar nossas abordagens diante de marcadores sociais e econômicos que limitam as possibilidades de desenvolvimento sustentável no país. Por isso parabenizamos à UnB 2030 e à sua equipe que, afinal, nos provoca com este Guia sobre reencontros ao propor respostas articuladas a desafios que sempre caminharam juntos, mas quase nunca foram considerados de forma integral, como apenas a perspectiva interseccional é capaz de fazer.

Percursos Interseccionais

No pulsar da manhã escrevo para contar uma história sobre este lindo trabalho coletivo, nossa pedra sobre a qual esperamos que muitas/os possam ganhar uma outra perspectiva e olhar para o futuro com esperança (Angelou, 1994, p. 418). Um sonho e um sentido de urgência se misturam neste texto. Sonhei, mais como uma aspiração política (Finnemore; Jurkovich, 2020), que precisávamos falar sobre interseccionalidade se quiséssemos decifrar estes tais ODS.

No início do debate sobre a Agenda 2030 no Brasil e no mundo, havia um certo encanto em torno dos 17 ODS e uma mística em torno da sua iconografia hipnótica e visualmente legitimadora (Bleiker, 2018) de uma nova agenda global de desenvolvimento. Sonhei que "meu novo jeito de caminhar", no verso de Thiago de Mello, tinha que ser voltado para ajudar as pessoas.

Ganhei esta perspectiva e consciência de que deveria reverter minha vocação de educador para empreender um papel mais social na luta por direitos e pela redução das desigualdades. O sentido de urgência do que vivenciamos na política do dia a dia (Manzini, 2019) no Brasil e em países do Sul Global, exige sempre uma leitura crítica do conhecimento e do império cognitivo constituído no berço do norte Global (Santos, 2019).

O sentido de urgência não nos permite fugir ou nos esconder em nossos castelos e paróquias epistemológicas. Somos todos responsáveis quando os problemas nas nossas comunidades reverberam como ondas avassaladoras em todas as partes do planeta.

Precisamos colocar em prática o que aprendemos e ensinamos, ao mesmo tempo em que nos posicionamos nesta jornada da "prática educativo-progressiva em favor da autonomia do ser dos educandos" (Freire, 2011). Para tanto, precisamos "aprender com" e "sonhar com", valorizando os muitos mundos (Inoue, 2020) e seus povos e saberes que conformam nosso pluriverso (Escobar, 2020), e ir além dos muros das universidades para fazer dos nossos encontros educacionais (Davids; Waghid, 2020) oportunidades de transformação da nossa realidade.

Meu despertar para a urgência de se pensar o mundo pela chave da interseccionalidade vem dos meus anos junto à Comissão Nacional de População e Desenvolvimento e aos encontros potentes com pessoas incríveis como Richarlls Martins, que passaram a me guiar na minha trajetória como educador.

Ousamos juntos realizar alguns eventos e dois cursos de extensão sobre Gênero, Raça e Sexualidade na Política Global (2017-2018), quando pouco se falava desses nexos nos estudos internacionais no Brasil. Esta experiência foi decisiva para moldar nossa leitura sobre os ODS, particularmente em cristalizar a noção do que "estamos deixando para trás" quando não aplicamos a chave da interseccionalidade para compreender a Agenda 2030.

Em uma trajetória paralela vale menção ao encontro com a professora Raquel Cabral da UNESP-Bauru, a quem nos afiliamos em uma empreitada de construção de um Guia ODS para Universidades (Cabral; Gehre, 2020) que pudesse não apenas emular a Agenda 2030, mas (re)imaginá-la, colocando em destaque o

papel da cultura, o combate ao racismo e os direitos dos povos indígenas e comunidades tradicionais. Estávamos tateando um terreno muito bem mapeado por figuras marcantes como Lélia Gonzalez que, clamando pela relevância de uma abordagem interdisciplinar, demandam às sociedades latino-americanas o reconhecimento de suas contradições internas e profundas desigualdades raciais.

Já na UnB tive a felicidade de conhecer – em uma reunião com colegas da Extensão e da Fiocruz-Brasília – a professora Ana Paula Antunes Martins, com quem alimentei este sonho de passar a enquadrar a Agenda 2030 pela ótica dos feminismos e da interseccionalidade, duas chaves analíticas essenciais para compreender e mudar o mundo (Collins; Bilge, 2021).

Foi Ana Paula quem me apresentaria ao grupo de pesquisadoras ativistas da coletiva Roda das Minas, nossa principal personagem na construção deste Guia. Nos conectamos, então, em uma trajetória de parcerias e colaboração – dois valores fundamentais para a implementação da Agenda 2030 e para a realização do sonho da mudança.

Procuramos fortalecer os espaços institucionais (coletivos, projetos extensionistas, linhas de pesquisa e em algumas disciplinas) e adensar os fluxos de ideias e movimentos em efervescência sobre decolonialidade e suas conexões com as temáticas de gênero, raça e sexualidades.

Destas vivências acumulei as forças necessárias para perseguir este sonho e canalizar a energia necessária para pensar criativamente sobre esta peça do quebra-cabeça da implementação da Agenda 2030 no Brasil. Mas a obra só ganharia vida quando meu percurso cruzou a trajetória de

jovens incríveis que foram verdadeiramente responsáveis por este trabalho.

Minha admiração e carinho pelo trabalho sério e comprometido e pela paixão com que a coletiva Roda das Minas e voluntários/as e bolsistas do nosso projeto se dedicaram aos diálogos e encontros para a construção deste Guia. Meu profundo agradecimento à Ana Paula, Leticia Braga, Carolina Lima, Isabela Nascimento, Giovana Pinto, Mariana Conceição, Jéssica Giuliana. Meu reconhecimento ao lindo trabalho de Rodrigo Ramiro, Élida, Rafaela, Evellyn, Kawê e Thays.

Thiago Gehre Galvão

Coordenador do Programa Estratégico UnB2030

Professor do Instituto de Relações Internacionais da UnB

Vamos conhecer mais sobre esta equipe maravilhosa e suas trajetórias?

Ana Paula Antunes Martins

“Os estudos feministas fazem parte da minha agenda de trabalho há quase 20 anos, quando às vésperas de concluir meu Curso de Direito na Universidade Federal de Rio Grande (FURG), em 2003, tive a chance de participar do Projeto Universidade Solidária, um enorme programa de extensão que propunha imersão transdisciplinar em comunidades periféricas. Depois, aprendi que há outras formas mais emancipatórias de fazer extensão, mas o fato é que a extensão muda a vida da gente.

Muda o nosso jeito de olhar, de estudar, e integra o pensamento e a ação de um modo parecido com que bell hooks descreve em “Ensinando a transgredir” (2013), quando defende, a partir dos pressupostos freirianos da educação não bancária, uma educação holística, integradora, não restritiva das liberdades. O curioso e nada casual é que em 2018, quando defendi minha tese em Sociologia pela Linha de Pesquisa “Feminismos, relações de gênero e raça”, e pouco antes de conhecer Thiago Gehre, ainda buscava epistemologias que enfrentassem as desigualdades por meio da superação de dicotomias entre sujeito e objeto, entre teoria e prática, entre mente e corpo.

E as interseccionalidades, assim como o conceito de corporificação (BUTLER, 2002; CONNELL, 2007, 2016; ALMEIDA, 1996; MARTINS, 2018), promovem não apenas o reconhecimento, mas o compromisso com saberes fundados na experiências vividas e na intersubjetividade cognitiva e sensorial como motor da ação política. É por esses caminhos que andamos quando construímos nossas

ementas, quando escrevemos nossos projetos e textos, quando orientamos estudantes.

A parceria com Thiago Gehre tem a tônica do transbordamento das disciplinas para a produção de saídas criativas para a democratização de nossas universidades e para a ampliação dos engajamentos com a Agenda 2030, que consideramos fundamental para garantir diretrizes de ação global e local fundadas nos direitos humanos e no enfrentamento das nossas desigualdades estruturais de gênero e raça.

Sabemos que nossas existências são passageiras (o que se evidenciou ainda mais no contexto da pandemia de Covid-19, quando escrevemos estas linhas), mas estamos absolutamente conscientes da nossa condição de sujeitos históricos, o que amplia nossas responsabilidades transgeracionais com a construção de um futuro em que as pessoas possam viver com plenitude o exercício e a construção de seus direitos.”

Letícia Braga

“Ao final de 2020, minha orientadora, professora Ana Paula Antunes Martins, me chamou para uma conversa com o professor Thiago Gehre, para convidar a Roda das Minas a participar da construção do Guia de Interseccionalidades na Agenda 2030. A partir desse ponto, as Anciãs (grupo que coordena as ações da Roda das Minas) passaram a compor o Grupo de Trabalho e participar das discussões e reuniões do projeto.

Foram muitos encontros online internos de discussão e também workshops abertos para o público, que renderam debates ricos

e importantíssimos. Ao longo do processo, percebi algumas limitações e outras formas críticas de compreender a Agenda 2030, mas me senti muito mais próxima dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Senti a necessidade de me capacitar e me desafiar ainda mais nas leituras sobre o tema enquanto tive a oportunidade de desenvolver o Guia ao lado das minhas colegas de trabalho e amigas.

Foram muitas emoções, dúvidas, certezas, sensações, problemas pessoais e tentativas de fazer o nosso melhor. Esse Guia me fez descobrir um lado escritora de histórias que nunca havia explorado e me emocionou ao ver tudo tomando forma no final. Foi, sobretudo, uma oportunidade de refinar nosso olhar sobre os ODS e como eles estão diretamente conectados às nossas ações enquanto coletivo feminista e projeto de extensão.

Individualmente, foi gratificante conhecer tantas pessoas incríveis nesse período de isolamento social, mas ainda mais gratificante perceber como as construções coletivas são, para além de potentes e revolucionárias, uma forma de ressignificar as produções acadêmicas e nos incentivar a produzir outros documentos como esse, de fácil acesso e linguagem simples, sobre os diversos assuntos que trabalhamos, principalmente a interseccionalidade, que é nosso maior método analítico e prático.

Espero que esse material possa auxiliar mais pessoas a visualizarem como os ODS já estão inseridos no nosso cotidiano e que, de fato, não podemos deixar ninguém para trás. Sou muito grata pelo convite e pela caminhada com todas e todos envolvidos. Estamos juntos!"

Carolina Lima



"O convite de participar do Guia veio como uma grata surpresa para realização de algo muito especial que eu e todas da Roda das Minas pensávamos há muito tempo. Tanto eu, como mulher, feminista, ativista e pesquisadora, quanto como integrante da Roda, organização autogerida por mulheres amigas que atua através da interseccionalidade em intervenções micro políticas baseadas no afeto, educação e comunicação, mas que sempre sonhou em publicar e documentar nossas ações, metodologias e conhecimentos.

O Guia foi a concretização de algo palpável que conseguiu juntar essas duas coisas pra mim: a teoria e a prática. No início parecia muito abstrato porque apesar de ter estudado muito conceitualmente as teorias principais desse material, a Interseccionalidade e a Transversalidade, não conhecia muito bem o envolvimento e compromisso do Brasil com ODS e a apropriação dessa agenda pro nosso país. E, na minha percepção, foi justamente esse desconhecimento, que poderia ser uma "falta", que possibilitou nosso olhar de aproximar os ODS da vida real, da experiência, do cotidiano, trazendo esse olhar do macro para o micro através do método analítico interseccional.

Os workshops que organizamos foram momentos cruciais para um exercício muito efetivo de reflexão também para nós e surgiram muitas ideias a partir daí. Aos poucos o Guia foi tomando forma, de um jeito muito orgânico, espontâneo e afetivo, assim como a história da Marielle, que me fez chorar tantas vezes. A caminhada até essa versão final foi inspiradora, compreensiva, acolhedora e divertida e espero que seja tudo isso pra quem estiver lendo também. "

Isabela Nascimento

“O convite para compor a equipe do projeto foi sincrônico, porque dentro da Roda das Minas estávamos em processos importantes de amadurecimento enquanto grupo e poder compor o projeto foi uma oportunidade para colocarmos em prática os aprendizados que tivemos.

A participação nesse projeto envolveu um comprometimento com novos horários e novas pessoas, além de compreensão sobre os produtos e estruturação de materiais e dinâmicas. O estudo para elaborar e organizar workshops conectados com a construção do Guia, pautando as agenda 2030 de maneira a nos apropriarmos e nos apoderarmos das temáticas, dando ênfase a importância da construção local e contextualizada.

Além desse trabalho anterior, o trabalho de facilitação destes momentos e das próprias reuniões internas com bolsistas foram fundamentais para aprendizados e amadurecimento de ideias e decisões para o nosso produto final, que é o Guia.

Nesses momentos conseguimos ajustar rotas e entendimentos sobre o que interseccionalidade, trabalhar com atenção nosso olhar descolonizador - de maneira a não reproduzir desigualdades e hierarquias, visões equivocadas e complicadas que objetivamos superar dentro da Agenda 2030. Esse espaço de aprendizagem, aberto a experimentação e erros foi importante, enquanto ativista e lesbica, ampliar a rede de pessoas também dispostas e disponíveis a construir iniciativas de mudança social, bem como me aproximar

de projetos que pautam temáticas da agenda 2030 e estar junto de pessoas que disputam os sentidos e narrativas desta agenda e tensionam construtivamente os ODS é bastante nutritivo e fértil para os horizontes que tenho enquanto ativista e ser coletiva.

Foi uma oportunidade de colocarmos de maneira sistematizada o trabalho que já vínhamos fazendo com a perspectiva interseccional e a atuação em rodas de conversa, aplicando conhecimentos plurais, coletivos e pautados na construção coletiva e solidária que percebemos estar consolidados durante a participação do projeto. Foi bastante gratificante, sobretudo neste sentido de perceber nosso trabalho enquanto grupo, o diálogo com outras pessoas e atuação em rede, além de construir organicamente um material tão vivo e importante.”

Giovanna Pinto

“Sou Giovanna, estudante do curso de Gestão de Políticas Públicas na UnB e faço parte da coletiva Roda das Minas desde 2019. Foi muito importante e desafiador para mim participar da elaboração do Guia. Trabalhar mais focada na parte do desenho teórico e glossário foi importante para lembrar conceitos já estudados e trabalhados por mim dentro da Coletiva, e para o desenvolvimento de explicações simples, com menos abordagens acadêmica para que as pessoas que tiverem acesso ao guia possam entender e trabalhar com facilidade. A democratização do conhecimento, e a aplicação dele na prática é uma crença, um ideal e um compromisso da Roda das Minas e de todas as irmãs que a constroem comigo, por isso todo esse trabalho foi um prazer e uma honra!”

Mariana Conceição

"Além de ser uma experiência acadêmica, a criação do Guia foi uma vivência de crescimento pessoal que contribuiu para minha disciplina e autoconhecimento. Isso porque, mais do que os reconhecimentos finais, o que realmente importou para mim foram os momentos de trocas, diálogos, inúmeras reuniões, estresses e também os novos laços de amizades que se fortaleceram.

O meu senso de coletividade e confiança aumentou de forma significativa. Nada disso seria possível sem minhas irmãs da Roda das Minas, que apesar de terem enfrentado problemas inexplicáveis, conseguiram se reerguer e finalizar com honra cada página do Guia. Isso para mim não tem valor em troca, é uma referência que irei levar para todos os momentos de adversidade da minha vida.

Ademais, sinto que finalizamos a experiência do Guia deixando a marca do que é ser humano, e mostrando que por meio da visão interseccional podemos sim criar uma sociedade mais justa, protegendo cada pessoa que enfrentam intensas opressões nos bastidores da vida."

Jéssica Giuliana

"Ter participado da escrita do Guia foi uma experiência muito rica em vários aspectos. O primeiro deles, enquanto Roda das Minas, foi ter o reconhecimento de nossas capacidades e habilidades para a escrita de um material tão importante e profundamente conectado com o nosso trabalho, valores e atuação. Também foi incrível que toda sua construção foi feita através de muitas mãos e mentes em debates e exercícios realizados dentro de workshops com pessoas do Brasil inteiro.

Pessoas diversas assim como nós, com trajetórias e subjetividades tão complexas quanto o que pensamos ao desenvolver esse material. Conexões, integrações e respeito às múltiplas formas de existência e construção de vidas e de sociedade.

Fui alimentada desses aprendizados enquanto também alimentei o Guia com minhas palavras, existência e também com meus conhecimentos, sejam aqueles que aprendi na universidade (um grande lar pra mim durante muitos anos), sejam os meus como mulher nesta região."

Rodrigo Ramiro

"Fui convidado para o Projeto Selo ODS e as IES no final de 2020 pelo professor Thiago Gehre. A ideia era minha participação nas diferentes frentes do projeto, desde a parte gerencial-administrativa até os conteúdos das diferentes frentes o Selo, em si, a pesquisa da Felicidade Interna Bruta, FIB 2030, e o Guia de Interseccionalidades, liderado pela coletiva Roda das Minas.

Minha experiência tem sido rica neste coletivo aberto de pessoas e organizações. Participei da construção do modelo do Selo, tecnologia social de certificação de Instituições de Ensino Superior, parte da internalização e territorialização da Agenda 2030 no país, e dos seus Encontros Regionais, da elaboração do questionário do FIB e da elaboração coletiva do Guia de Interseccionalidades. Esta atuação tem sido valiosa e uma complementação interessantíssima à minha experiência pretérita no nível da governança nacional dos ODS. Agora é finalizar a entrega formal dos produtos do projeto para iniciar o trabalho para sua

efetiva implementação e o desenvolvimento dos desdobramentos possíveis destas iniciativas iniciais.”

Élida Silva

“Conheci o projeto UnB 2030 através de postagens no Instagram, e dentro do projeto surgiu a oportunidade de fazer parte do Guia. Acredito que minha contribuição tenha sido mais geral, tentei ajudar para a criação da história da Marielle.

Eu acredito que o projeto desenvolveu meu pensamento crítico ao estar imersa na diversidade de pontos de vista, que é parte do objetivo do próprio Guia. Eu me senti muito privilegiada em poder ouvir as considerações da equipe, que no meu dia a dia como estudante de Nutrição essa diversidade se torna mais limitada dentro do meu meio acadêmico.”

Rafaela Freitas

“Participar da construção do Guia foi, sem dúvidas, uma experiência enriquecedora. Durante todo o processo, tive a oportunidade de conhecer e trabalhar com jovens incríveis, inteligentes e engajadas em fazer do mundo um lugar melhor. Além disso, o trabalho da Roda das Minas, coletiva que liderou a construção do Guia, foi exemplar em termos de parceria e atenção, sempre escutando o que todos tinham a dizer e se esforçando para abarcar diferentes visões e perspectivas no trabalho final.”

Evellyn de Souza

“A participação no Projeto Selo ODS IES, oportunizou estar na construção do Guia interseccionalidade e transversalidade. Confesso que antes do Guia não conhecia os

conceitos a fundo, mas ao me envolver passei a buscar leituras e aprendi com as trocas nas reuniões e workshops.

É impossível pensar em desenvolvimento sustentável sem buscar entender as realidades que atravessam o país, e foi isso que o Guia propôs a compreender. De modo acolhedor e humanizado, foram realizados três encontros, que contribuíram para pensar os ODS à realidade prática, através dos relatos da comunidade interna e externa das Instituições de Ensino Superior. Esta foi, sem dúvidas, uma construção empática.”

Kawê Veronezi

“A experiência em desenvolver o projeto Selo ODS e IES garantiu aprendizados que passaram da dimensão profissional e de pesquisador, para uma autoanálise da minha relação com a natureza e a sociedade que ressignificam o sentido da vida.

Afirmção forte, assim como o impacto das percepções que tive sobre nossa realidade com os Encontros Regionais, que pelas cinco regiões do país investigaram a conjuntura em que a implementação da Agenda 2030 no Brasil acontece.

Fui convidado a bolsa de Jovem Pesquisador para executar a proposta do Selo ODS IES e dos produtos que com ele seriam desenvolvidos. É incentivador participar de um coletivo que constrói caminhos para que se possa fazer o bem para o planeta e para pessoas.

Acredito, por fim, que com Educação a gente transforma o mundo num lugar equitativo e justo, com muita prosperidade. Precisamos acreditar nas crianças e garantir que seu protagonista assumam lugares na cidadania.”



Não caberia outra palavra a não ser acolhimento; algo extremamente necessário neste cenário de sindemia.

Tive a oportunidade de atuar como uma equipe de pesquisa fantástica e humanizada. E vivenciar a confecção desta grande colcha de retalhos bordada fio a fio por artesãs e artesãos que acreditam em uma sociedade mais justa, igualitária, acessível e inclusiva para as pessoas e para o planeta resultou neste Guia que promove uma cultura de paz.

Este texto nos resgata a possibilidade de sonhar com um país diferente e nos guiar na construção de um mundo diferente, mais justo e igualitário. Precisamos confiar nas nossas juventudes e acreditar que podem fazer parte deste processo transformador. Como aponta Sueli Carneiro (2020, p. 81) a introdução dessas questões [racismo, sexismo, classicismo] na esfera pública contribui, ademais, para o alargamento dos sentidos de democracia, igualdade e justiça social, noções sobre as quais gênero e raça impõem-se como parâmetros inegociáveis para a construção de um novo mundo."



Alzira Rufino

RESISTO

De onde vem este medo?

sou

sem mistério existo

busco gestos

de parecer

atando os feitos

que me contam

grito

de onde vem

esta vergonha

sobre mim?

Eu, mulher, negra,

RESISTO

O que é o Guia?

O Guia de Interseccionalidades na Agenda 2030: caminhos para uma educação transformadora

visa, sobretudo, aproximar diferentes realidades sociais aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). A partir de histórias de outras brasileiras e brasileiros, podemos entender o que são, de fato, os ODS e como eles nos auxiliam a enxergar possibilidades de melhoria da qualidade de vida da população, falhas em políticas públicas e claro, a mobilizar o coletivo para atingir tais metas.

Os entendimentos alcançados nas grandes conferências internacionais sobre sustentabilidade nos anos 1990 e 2000 formaram a base política e institucional sobre a qual nos lançamos, entre 2012 e 2015, para desenhar os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável como esta nova estratégia global para reverter a situação socioeconômica e ambiental do Planeta Terra.

Considerado o plano de ação mais ambicioso da história mundial, a Agenda 2030 está ancorada em metas consideradas de caráter universal, integradas e indivisíveis, envolvendo temas da saúde, educação, água e saneamento, segurança alimentar, mudanças climáticas, vida na terra e nos Oceanos, redução das desigualdades, sociedades pacíficas e inclusivas e justiça social.

A Agenda 2030 tem uma perspectiva de transição econômica para um modelo de produção que respeite os ciclos da natureza e os recursos disponíveis de forma consciente e planejada, interpretados e apropriados de acordo com a cultura e a realidade local.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são baseados na cultura de paz, que visa, através do coletivo da humanidade, dar visibilidade e promover ações conscientes para a melhoria da sociedade no mundo. Visto que nossa sociedade foi e é construída por marcadores de classe, gênero, sexualidade, raça, etnia, entre outros, o Guia tem como objetivo observar essas nuances pautando a interseccionalidade e transversalidade como pontos primordiais.

A perspectiva da interseccionalidade consiste em compreender as intersecções das identidades e marcadores sociais, criando, assim, uma correlação entre dimensões que, apesar de terem características distintas, se interseccionam por conta de seus processos históricos, que geram opressões multifacetadas. Dentro disso, a lógica transversal vem com a finalidade de atravessar e conectar essas múltiplas realidades a fim de promover uma construção coletiva para a formulação e implementação de políticas públicas. Resumidamente, a transversalidade é a atuação concreta para que a interseccionalidade cumpra seu papel.

Nesse sentido, o Guia vem para destacar as conexões entre as realidades vividas e os 17 ODS da Agenda 2030, somando a estes os 3 (três) Objetivos de Desenvolvimento Sustentável sugeridos pelo “Guia Agenda 2030: Integrando ODS, Educação e Sociedade”, que são: ODS 18 - Igualdade racial; ODS 19 - Arte, cultura e comunicação; ODS 20 - Povos originários e comunidades tradicionais. Estes 3 ODS foram propostos para abarcar algumas lacunas existentes nos outros 17.

A partir da perspectiva de futuro proporcionada pela agenda, é fundamental que saibamos da necessidade de interpretar os ODS de uma maneira crítica, para que possam ser apropriados e territorializados de acordo com o local e contexto. Desta forma, além dos 3 novos ODS é preciso reinterpretar os 17 existentes. E como fazer isso? Vejamos o ODS 5 cujo título é igualdade de gênero e que foi inicialmente escrito utilizando a conceituação de gênero que se refere somente às meninas e mulheres.

Quais reflexões são importantes de serem feitas a partir dessa constatação? O que essa escolha pode significar? Ou seja, esta perspectiva sobre gênero nos gera quais impactos ou nos limita a enxergar quais cenários? Qual a importância de olharmos criticamente e ocuparmos o espaço de expandir e deslocar para outros sentidos os temas da Agenda? A necessidade de apropriar e territorializar os ODS é justamente para entendermos que essa agenda não é mais externa, mas sim uma oportunidade global de desacelerar os processos destrutivos que construímos e lidar com maior responsabilidade coletiva diante da finitude planetária.

O objetivo deste trabalho é ser um material qualificado para o fomento de debate e aplicação prática acerca dos ODS. Portanto, visamos orientar reflexões importantes diante da Agenda 2030, observando-a pelas lentes da interseccionalidade e trilhando caminhos possíveis na transversalidade.



Manifesto

À TODAS AS PESSOAS QUE ATUAM COM AMOR E CUIDADO PELA EDUCAÇÃO

Principalmente a quem dá vida às Instituições de Ensino Superior preenchendo de significado o papel social das IES na busca por um país mais justo e equitativo, sem deixar ninguém para trás

“Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança”

Paulo Freire em Pedagogia da Esperança

A Agenda 2030 e os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável abrem diversas possibilidades de debates que encaramos como disputas necessárias para a construção de uma relação saudável e equilibrada com aquilo e com quem nos cerca. Entendemos que a Agenda 2030 é um instrumento internacional que pode reunir grupos e pessoas globalmente ante o posicionamento de qual sociedade lutamos para construir. Por isso, em conjunto com os 3 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável complementares que adotamos, manifestamos o solidário grito de resistência a tanta destruição, morte, fome e pobreza.

Agentes de todas as Instituições de Ensino Superior que se sentem corresponsáveis pela mudança local e regional para o desenvolvimento sustentável, social e digno, vamos agir em conjunto para garantir a pluralidade, diversidade e força do nosso movimento.

É evidente que o consumo capitalista tem prejudicado a vida no e do Planeta Terra. Desde os mares e rios à biodiversidade animal, o uso indiscriminado de recursos

naturais e todas as demais dimensões sociais e ambientais, direta ou indiretamente ligadas, estão em risco com o desenvolvimento insustentável em curso. Diante dessa realidade, precisamos de iniciativas, projetos e organizações que atuem em prol do desenvolvimento global por uma sociedade justa, ética e sustentável. **Precisamos ao mesmo tempo incorporar e pensar de forma crítica a Agenda 2030, assim como o próprio conceito de desenvolvimento.** Para tanto, é preciso propor estratégias de mobilização para, através da lente interseccional e de ações transversais, construirmos coletivamente um mundo onde caibam todos, todas e todes, respeitando as diferentes formas de vida, expandindo oportunidades e possibilitando sonhos.

A Educação, neste contexto, tem um papel fundamental, tanto social, quanto político e estratégico. Desde o nível fundamental até o superior, as disciplinas transversais auxiliam a compreensão crítica de temas amplos relativos à totalidade das áreas de conhecimento, como os direitos humanos, o meio ambiente, a ética nas relações sociais e as formas de superação das desigualdades. Reforçamos ainda a

necessidade de atrelarmos os conhecimentos e produções científicas institucionalizados aos saberes tradicionais e tecnologias ancestrais de manejo do solo, relação com a natureza e manutenção de águas e biomas. Enquanto não descolonizarmos nossas epistemologias, estaremos perdendo valiosas possibilidades de aprendizado.

Alinhar as diretrizes e as práticas das Instituições de Ensino Superior aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável é tanto um projeto de desenvolvimento educacional, como um marco histórico e uma ruptura paradigmática.

O Guia proposto não carrega a pretensão de esgotar o tema das conexões possíveis e imaginadas entre a Agenda 2030 e as Instituições de Ensino Superior, justamente por entendermos que a construção de iniciativas para a concretização de uma agenda global requer esforços multifatoriais e continuados. Mas o presente documento representa o compromisso com o aperfeiçoamento de nossas práticas universitárias por meio da escuta e da construção participativa, adaptando-se às necessidades da comunidade, ela própria dinâmica e produtora de distintas demandas. O Guia, enquanto instrumento, oferece orientações sobre como agir de forma local na sua IES e na comunidade regional, compreendendo suas transversalidades e com o olhar interseccional das situações. Além disso, é parte dos esforços da tecnologia social Selo ODS e as IES o de popularizar o comprometimento coletivo para as transformações sociais na atualidade.

EM QUE ACREDITAMOS?

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são inscritos em um cenário em que as comunidades globais buscam um convívio socioambiental mais saudável, integrado, harmônico e pacífico. Esses objetivos podem e devem guiar, por exemplo, políticas públicas para institucionalizar e concretizar as transformações necessárias tanto para esse convívio quanto para sociedades melhores. É importante lembrar que todos os ODS se relacionam e se complementam, e por isso, é importante observá-los em conjunto e interpretá-los à luz das realidades locais sem perder a ambição da agenda internacional.

A publicação do Guia Analítico 2030 buscou integrar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável à educação superior e contexto social brasileiro da atualidade. Justamente por isso, propõe um exercício de reimaginar a Agenda 2030 de modo que atenda a realidade de grupos populacionais fundamentais para a história e as representações sociais sobre o Brasil e a América Latina. A partir de reflexões críticas sobre a implementação da Agenda 2030 no Brasil, propôs, como referido anteriormente, mais 3 ODS, totalizando 20, além dos 17 propostos e cancelados pelo conjunto dos países signatários.

Nesse contexto, trabalhamos na construção deste Guia de Interseccionalidades na Agenda 2030 para instituições de Ensino Superior. Este texto pretende ser um instrumento aliado aos percursos da concretização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Sua principal característica é a perspectiva aplicada ao nosso cotidiano e contextualizada a partir dos marcadores sociais da diferença e dos territórios. O objetivo é propiciar um suporte na interpretação e tradução das

relações e associações entre os ODS para nos enxergarmos enquanto sujeitos de transformação e agentes de sua aplicação, de aspectos micro a macro, em espaços menores e menos formalizados a espaços institucionais e com maior alcance de pessoas. É um instrumento para nos nutrir coletivamente de maior consciência da complexidade dos ODS e para podermos enxergar essa complexidade de forma conjunta, pensando estratégias de atuação.

Acreditando que as ações rumo à cultura de paz se complementam, a lógica interseccional nos ajuda a compreender as interconexões que permeiam a vida das pessoas de que tratam os ODS. O que o consumo e a produção responsável têm a ver com a saúde e a educação? Como o trabalho decente está relacionado à igualdade de gênero? Esses são exemplos da transversalidade entre os ODS que devem ser pensados a partir da lente interseccional junto à comunidade, buscando construir uma nova sociedade que seja espaço e acolha todas as vidas, subjetividades e sonhos.

Partindo do princípio de que mudanças não acontecem isoladamente, acreditamos que transversalidade e interseccionalidade são dois caminhos que fundamentam uma visão e ações sistêmicas em torno dos 20 ODS, visando inserir em nossas leituras de mundo o respeito a vários tipos de identidades e opressões vividas.



AVISO

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 46 milhões de brasileiros e brasileiras declararam ter alguma dificuldade nas seguintes habilidades: enxergar, ouvir, caminhar e/ou subir degraus (Censo, 2010). Isso representa 24% da população brasileira. Destacamos que esse percentual contempla os usuários e usuárias de facilitadores como lentes de contato, aparelhos auditivos e bengalas. Especificando os brasileiros e brasileiras com deficiência visual, identificou-se 18,8% da população, dentre os quais 3,4% têm deficiência visual severa. Outros 5,1% da população apresenta deficiência auditiva, dos quais 1,12% são pessoas com deficiência auditiva severa.

Este Guia vai ao encontro da Lei Brasileira de Inclusão, nº 13.146 de 2015, que visa assegurar e promover condições de igualdade para pessoas com deficiência, visando aspectos de inclusão social e de cidadania; e do Conselho Nacional de Combate à Discriminação, Decreto nº 9.883 de 2019, que aborda questões sobre a proteção dos direitos de indivíduos e/ou grupos sociais atingidos por discriminação e intolerância. Dialoga, ainda, com o ODS 4 - que versa sobre a educação de qualidade e o ODS 10 - que aborda a redução das desigualdades.

No intuito de contemplar as singularidades da deficiência visual e da deficiência auditiva, com o compromisso de conciliar os dispositivos legais citados e os ODS destacados, decidimos dar um passo importante em prol da inclusão. Apresentamos um Guia acessível e inclusivo, inicialmente em uma versão para os usuários da Língua Portuguesa e posteriormente em versões multilíngues para as pessoas com cegueira e/ou baixa visão, através da utilização da audiodescrição e da impressão em Braille, e para as pessoas surdas e/ou deficientes auditivas usuárias de legendas e da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Para quem é o Guia?

A audiência que gostaríamos de alcançar são todas aquelas pessoas que acreditam na educação como um meio de transformação e que atuam em diferentes lugares institucionais, exercendo papéis de gestão, ensino, pesquisa e extensão.

O espaço primordial de aplicação do Guia são as Instituições de Ensino Superior (IES), ou seja, universidades, centros universitários, faculdades e Institutos Federais, por serem ambientes de ideias que reúnem estudantes que vivenciam e debatem os diversos temas abordados pelos ODS. Partindo da visão de que o espaço da universidade é um grande incentivador de diálogos e lutas em conjunto, percebemos a importância da ótica universitária como fonte propulsora para o avanço desses ideais, fazendo uma ponte direta com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Nosso público são estudantes do ensino superior, no âmbito do ensino, pesquisa e extensão; docentes universitários e servidores técnico-administrativos das IES do país. Sendo assim, o Guia tem como objetivo principal trazer a visão interseccional e transversal para aproximar as histórias de pessoas reais com os ODS e explicitar as interconexões que os marcadores sociais da diferença como gênero, raça, classe, sexualidade e outras questões estruturais na formação da identidade e do território brasileiro têm com as metas globais de desenvolvimento sustentável.

O QUE ESPERAMOS QUE SEJA FEITO COM ELE?

O objetivo deste material é compor o campo de produções que visam orientar, fundamentar e dar suporte às IES no entendimento dos

ODS, partindo do compromisso com o enfrentamento às desigualdades e com as formas de mantê-la e reproduzi-la. Por isso, utilizamos a lente interseccional e defendemos a transversalidade como forma de observar e pensar as estratégias e ações diante da realidade.

A orientação, fundamentação e suporte escolhido deu-se pelo desenho de um caminho que fomenta reflexões, a partir de explicações e conceitos em conjunto com exposição de narrativas e análise reflexiva delas. A intencionalidade por trás desta construção se refere ao fortalecimento do tripé universitário: que a sala de aula da universidade seja contagiada com estas reflexões; que as pesquisas carreguem sensibilidade analítica e, que a extensão seja abastecida de material passível de utilização e, quem sabe, adaptação para seus projetos e diálogos com a comunidade.

A intenção é que cada pessoa que leia o Guia se sinta motivada a entender a complexidade e as diversas camadas das múltiplas realidades, para reconhecer e legitimar a sua e as das demais pessoas. Assim, queremos impulsionar um 2030 onde tenhamos jovens agindo para um futuro, construído em nosso presente, em um mundo de equidade e solidariedade. A Agenda 2030 carrega uma multiplicidade de formas de ação e estratégias para lidarmos com essa realidade desigual criada pelos sistemas e lógicas que nos têm orientado. O convite é para esse deslocamento que acreditamos ser, sobretudo, coletivo, ainda que comece por uma pessoa, aconteça de forma consciente e duradoura. Que as instituições que nós ocupamos sejam também modificadas e impactadas em algum nível

para a mobilização dessas temáticas tão importantes que a Agenda nos traz. Neste material ilustramos como a construção desse futuro - representado pelo ano 2030 - é pautado em nossa caminhada no presente e precisa de um olhar para o passado que acolha múltiplas narrativas: para que aprendamos com o que foi invisibilizado historicamente (formas de organização sociopolítica, econômica, cultural, além de cosmovisões múltiplas) e possamos reconhecer os limites e erros de tendências que seguimos de maneira hegemônica e muitas vezes impensada.

É, de fato, um gigantesco desafio conceber horizontes em comum com o compromisso de não hierarquização e confluindo perspectivas sem o objetivo de homogeneidade e de padrões que podem gerar apagamentos. Por isso, com a lente analítica interseccional buscamos compreender como estas construções socioculturais históricas se criaram e se configuram em nosso corpo coletivo, dando materialidade a vidas marcadas por limitações e cerceamentos. A construção de 2030 segundo os propósitos da Agenda exige iniciativas e intervenções que encaram o desafio de não reproduzir desigualdades mantidas justamente pela invisibilização destas intersecções. Já a transversalidade nos conecta com a perspectiva de interdependência de ações e da necessidade de atravessamento desta lente analítica.

O futuro proporcionado pela lente interseccional nos traz uma necessária sensibilidade com o presente, mudando nosso olhar para nossa sociedade de maneira a ter o compromisso de reconhecer os marcadores que atravessam as vidas das pessoas para poder então assumir a necessidade de superá-los. Desta forma, conseguimos aprender

com o passado ao retomá-lo para pluralizar as narrativas e nos nutrirmos de novas perspectivas que foram impedidas ou podadas em seu florescimento.

Você pode utilizar esse Guia de diferentes formas. O documento é dividido entre os quatro principais capítulos e também há um Glossário em anexo para ser usado em atividades e exercícios acerca dos conceitos. Se quiser fazer um exercício somente de leitura, é possível separar o capítulo das narrativas e assim sucessivamente.

PARA QUE USÁ-LO?

A resposta é tão complexa quanto os temas tratados aqui. Acreditamos que para cada realidade, o Guia servirá como um instrumento para orientar grupos de perfil/situações diferentes a agir em prol do desenvolvimento social, ambiental, econômico e cultural de seu território.

Acreditamos que a Educação é o campo social capaz de contribuir para o mundo que idealizamos. Por isso, quem é vinculado a alguma Instituição de Ensino Superior (IES), enquanto membro do corpo técnico-administrativo, das equipes docentes e do conjunto de estudantes, pode auxiliar para que a popularização dessas informações evolua e revolucione saberes e práticas por meio da Educação.

O que vem à mente quando lemos "Interseccionalidades na Agenda 2030-Guia para Instituições de Ensino Superior"? Imaginamos que quanto mais plural for a resposta, mais pessoas de diferentes regionalidades, culturas e leituras de mundo nós alcançaremos com esse material que carinhosamente chamamos de Guia.

Primeiro, vamos ao significado da palavra Guia.

Significado da palavra guia

Substantivo feminino na Língua Portuguesa que apresenta duas definições:

- 1. Ato ou efeito de guiar.**
- 2. Documento com que se recebem mercadorias ou encomendas ou que as acompanha para poderem transitar livremente.**

Isso significa, na prática, que o intuito deste trabalho é propor direcionamentos práticos de Interseccionalidade e Transversalidades.

Você sabe quais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável entrelaçam sua vida no dia a dia?

Provavelmente alguns ODS geram identificação automática, mas para te ajudar a enxergar isso na sua rotina, iremos compartilhar a história de algumas pessoas. A partir de histórias baseadas em vidas de pessoas brasileiras, serão ilustrados os atravessamentos dos temas trazidos pelos ODS em nossa realidade, resultando em uma visualização de fácil entendimento e promovendo mais conexão com quem acessa este material.

Contar histórias nos aproxima e nos conecta, além de possibilitar que as informações e conteúdos sejam absorvidos afetivamente e de maneira mais profunda, com uma clareza prática e cotidiana. Essa é a intenção de construir, de forma didática e lúdica, conexões com personagens baseadas em histórias de vidas, que nos auxiliarão a construir as pontes entre os ODS. Desejamos, com isso, facilitar a compreensão de como precisamos estar atentos(as) à complexidade de uma mesma trajetória de vida para cumprir com a responsabilidade de uma ação local que observe as sobreposições, atravessamentos e intersecções da realidade vivida.

Na prática, o intuito é propor direcionamentos práticos de Interseccionalidades, partindo de histórias e sinalizando óticas e observações importantes de cultivarmos diante das histórias.

COMO E O QUE PODEMOS APRENDER COM HISTÓRIAS DE VIDA?

quero pedir desculpa a todas as mulheres
que descrevi como bonitas
antes de dizer inteligentes ou corajosas
fico triste por ter falado como se
algo tão simples como aquilo que nasceu com você
fosse seu maior orgulho quando seu
espírito já despedaçou montanhas
de agora em diante vou dizer coisas como
você é forte ou você é incrível
não porque eu não te ache bonita
mas porque você é muito mais do que isso

(Rupi Kaur, Outros Jeitos de Usar a Boca)

Uma construção de entendimento que supere a reprodução de ciclos de desigualdade exige uma gama de ações complexas e em rede. Uma das que destacamos é o rompimento com narrativas unilaterais e que abarcam a dinamicidade dos sujeitos e sujeitas centrais das histórias. Afinal, estamos buscando ações que modifiquem positivamente nossa realidade, que é composta por histórias de pessoas, lugares e os demais seres que habitam esse espaço planetário. Sugerimos assistir ao TED Talks "O perigo de uma história única", de Chimamanda Ngozi Adichie, que trata justamente dessa ruptura. Para romper com alguns vícios de escrita de narrativas, optamos por escrever a primeira história coletivamente por meio dos nossos encontros online anteriores à escrita final deste material, cultivando um olhar atento e construtivo sobre como e sob quais premissas estávamos escrevendo. Queremos dar continuidade à percepção de que contar histórias de vida é uma metodologia importante para romper com narrativas únicas e unilaterais, bem como entendermos que essas são pessoas sujeitas de sua história e não objetos de uma história que construímos para um fim.

Essa é uma metodologia que ilumina a importância da memória e como a aliamos à história, de modo que partir somente de narrativas exclusivas e específicas - que são hegemônicas - distorce e apaga muito de nossa recordação coletiva. Dessa forma, nos apoiamos no importante

trabalho da iniciativa Museu da Pessoa, como seu acervo e materiais disponibilizados sobre a tecnologia social da memória. Conforme consta em material publicado em 2009 e desenvolvido pela iniciativa, os princípios que são ponto de partida para esta tecnologia social estão de acordo com a perspectiva que consideramos fundamental para a aplicação dos ODS, respeitando a realidade glocal (global e local), e com as lentes analíticas da interseccionalidade.

A partir da concepção de que a História não está pronta e que é feita de narrativas que se conectam às pessoas, defendemos que o que é produzido socialmente deve ser apropriado pela sociedade. Esse material traz uma perspectiva importante para o caminho a seguir com os ODS e as universidades.

Uma vez que este Guia é um produto combinado à entrega da tecnologia social Selo ODS IES, fez sentido em nossa construção utilizar uma história de vida compartilhada e exposta no acervo do Museu, em conjunto com a que construímos coletivamente em nossos encontros.

Vamos começar conhecendo essas histórias!

Que tal conhecer

MARIELLE?

história fictícia criada coletivamente para o Guia



Há algum tempo atrás, quando ainda era criança, Marielle ouviu que nunca iria entrar na faculdade. “Não é para você”. Essa afirmação ecoou em sua cabeça até que ela, com 24 anos, acreditou. Marielle é filha de paraibanos que migraram para o Ceará. Ela cresceu com sua família na zona rural de Juazeiro do Norte, conhecendo e nutrindo bastante afeição por toda a região do Cariri.

Marielle é uma mulher negra de pele retinta que construiu sua fé com influências do sincretismo religioso - várias doutrinas religiosas diferentes - ao longo de sua vida, e optou por aprofundá-la no terreiro. Seus cabelos crespos costumam estar trançados para trazer praticidade no dia a dia, mas também simbolizam resistência. Na adolescência, engravidou do namorado que, apesar de não ser mais seu companheiro, é um pai presente.

Como morou a vida inteira na área rural, sua base alimentar era composta por alimentos naturais de pequenos produtores da agricultura familiar, como vizinhos e seus próprios pais. Até se tornar uma jovem adulta e começar a trabalhar em um município próximo, não possuía o costume de consumir alimentos industrializados. Com a correria, sente que não está se alimentando tão bem quanto antes e sente falta das frutas e verduras que mais gosta. Acaba fazendo lanches rápidos e se preocupa, pois entende sua alimentação como fortalecedora de sua saúde, prevenindo doenças e mal-estar físico. Além disso, ela ainda pensa em dar exemplo alimentar a seu filho.

Marielle trabalha como diarista na casa de uma família de classe média alta para poder contribuir com as despesas da casa. Pensou em sair de casa, mas após a morte de seu pai, escolheu continuar morando com sua mãe e seu filho. Sua rotina diária é deslocar-se ao trabalho de van clandestina em um longo trajeto. Em casa, possui acesso a água, energia e internet. Com certa frequência, há quedas de energia na região em que mora, impactando seu acesso à internet. Quando chega do trabalho, ela ainda precisa limpar a casa, cuidar do filho e cozinhar. Costuma dormir tarde, pois possui como hábito verificar as tarefas do filho e organizar seu próximo dia.

Em uma ocasião, após um longo dia de trabalho, Mari estava na parada voltando para casa quando foi surpreendida por dois homens que a empurraram para que conseguissem entrar primeiro na van, além de passarem a mão pelo seu corpo. Na hora, seu primeiro instinto foi proteger seus pertences, sobretudo seus documentos e celular. Só depois ela foi entender que aquilo havia sido um episódio de assédio sexual. Acabou perdendo aquela van e teve de esperar pela próxima, que demorou mais do que o normal.

À medida que a noite tomava conta da paisagem, a rua ficava cada vez mais vazia. Foi aí que Marielle avistou Ana. Ela estava encostada embaixo do poste de luz, local estrategicamente pensado para tentar evitar qualquer tipo de violência. As duas se entreolharam e se reconheceram uma na outra. Quase que como uma epifania, Marielle pensou: como é bom encontrar outra mulher numa situação dessas! E ainda uma mulher tão parecida comigo!

Quando a nova van chegou, as duas se ajudaram para conseguir entrar sem serem empurradas por outros homens. Sentaram-se juntas para terem mais segurança durante o trajeto e a conversa fluiu bem, apesar do visível cansaço de ambas. Marielle descobriu que Ana estava saindo da faculdade naquela hora. Ana cursava o penúltimo ano de Serviço Social no período noturno e foi a primeira mulher de sua família a entrar em uma instituição de ensino superior. Naquele momento, a frase que moldou seus sonhos e perspectivas voltou a ecoar em sua cabeça de um jeito diferente. “E se esse lugar for para mim também?”, ela se perguntava. O que significa ser uma mulher negra periférica ocupando esse espaço?

Interessadíssima em saber mais sobre a vida de Ana na faculdade, Marielle quase não viu a hora passar. Ana contou algumas histórias de sua trajetória acadêmica e fez questão de mostrar para Marielle que os lugares precisam ser ocupados justamente para quebrar essa lógica de exclusão socioracial que mantém limites e barreiras de ensino para pessoas de classes sociais mais baixas, negras e negros, de comunidades tradicionais, pessoas com deficiência, mães solo, LGBTQIA+ e tantas outras.

Marielle sabia que ali surgia um novo sonho. As duas trocaram seus números de telefone e combinaram de trocar mensagens para que Marielle pudesse tirar todas as suas dúvidas. Ana fazia parte de um coletivo de mulheres negras do Serviço Social e havia ficado extremamente feliz pela potência do encontro com Marielle, principalmente por representar um dos objetivos do coletivo que compunha: ser espaço seguro e abrir oportunidades na Universidade para a entrada de mais e mais mulheres negras.

Com o trajeto da van chegando ao fim, Marielle desceu uma parada antes de Ana, que pediu para a mais nova amiga ligar ou mandar uma mensagem avisando que chegou com segurança. Enquanto Marielle caminhava até sua casa, sua mente foi inundada por perguntas, inseguranças e uma pitada de animação:

“Será que muitas estudantes são mães? E se eu tiver que levar meu filho para a faculdade? Quantas pessoas negras, como eu e a Ana, estudam lá? Quais são os cursos? O que eu precisaria fazer para conseguir entrar? Será que eu ainda lembro do que aprendi no ensino médio? Será que o vestibular vai ser muito difícil? Será que vão me tratar diferente quando souberem que sou diarista? Será que eu consigo compartilhar com as pessoas minha preocupação com a alimentação e como podemos agir sobre isso? Será que vou conseguir conciliar a rotina, caso consiga entrar? Quanto de dinheiro será que eu vou precisar para mudar essa rotina? Será que vou conseguir chegar até o prédio da faculdade? O que minha mãe achará disso? Será que o pai do meu filho conseguirá se organizar dentro disso também? Será que as pessoas vão se preocupar com isso? Será que as preocupações serão parecidas com as minhas?” Essas foram algumas das principais dúvidas que tomavam conta do seu coração.



Cheia de perguntas e animação, em outro dia, Marielle levou Miguel, seu filho, para conhecer Ana na faculdade. Durante o encontro, descobriu que ainda falta uma política de assistência à maternidade estudantil para tornar sua experiência acadêmica menos desgastante. Em teoria, todas as Universidades deveriam ser equipadas com creches para que as mães e pais pudessem deixar seus filhos e filhas durante o período de aulas.

A rotina de Miguel era ajustada de acordo com a situação dos adultos da casa. Miguel ia para a creche em uma escola pública na Zona Rural, o que dependia da mãe ou de seus avós. A Universidade onde Marielle queria estudar ficava na Cidade Universitária, perto do bairro onde trabalhava. Nesse momento, ela começou a se questionar se seria possível organizar uma logística que tornasse possível que seu filho continuasse estudando e ela pudesse trabalhar e estudar.

Apesar dos pontos negativos, o que mais impressionou Marielle foi ver a diversidade de corpos e existências dentro daquele espaço. Ela finalmente conseguiu se imaginar ali num futuro breve. Conheceu pessoas que acolheram a si e ao seu filho. Entrou na biblioteca da Universidade e revisitou seus sonhos de criança e adolescente. Lembrou das suas aventuras desbravando a região do Cariri e como desejava conhecer mais e mais lugares. A amizade com Ana trouxe uma força que há muito ela não sentia: uma admiração pela amiga que acreditou nela antes mesmo de conhecê-la e não mediu esforços para alimentar sua esperança.

Quando superou seus receios e questionamentos em relação à Universidade, Mari se dedicou a estudar diariamente com a ajuda de cursinhos populares, que encontrou com ajuda de Ana. Ela teve o apoio de sua mãe, que estava animada e feliz com a possibilidade de ver a filha formada.

Com o apoio de sua nova amiga, sua mãe, o pai de seu filho e com o desejo de desenvolver mais possibilidades de vida para si e sua família, Marielle baixava as aulas online usando a internet do trabalho e assistia quando chegava em casa, aceitando que tinham dias com um ritmo menor, uma vez que sua rotina e obrigações eram muitas. Refletiu que sua preocupação com a alimentação e a de sua família era fundamental para esse momento e que iria conversar com sua mãe para organizarem suas refeições da semana; isso ajudaria também na economia e distribuiria melhor as porções, para conseguirem realizar boas refeições durante a correria da rotina.

Combinou com o pai de seu filho que ele ficaria encarregado de comprar com os produtores locais que conhecia e levar até a casa dela, apoiando a sua mãe no que precisasse. Com isso combinado e após um ano de muitas revisões, vídeo-aulas, correria e exercícios, Mari recebeu a tão sonhada aprovação no vestibular. Foi uma festa só, sua família e amigos comemoraram como se a conquista fosse deles também. E era. Marielle sentia que todos eles eram parte da realização daquele sonho e de toda sua alegria. Na hora de contar para Ana foi uma emoção tão grande que nenhuma delas conseguiu conter as lágrimas. A amiga foi essencial para auxiliar no burocrático acesso às cotas para negros, com baixa renda e de estudante de escola pública.



Agora que Mari era estudante do período noturno, assim como Ana, ela tinha muitos desafios para enfrentar, desde o deslocamento até a sua permanência. Ela está pleiteando uma bolsa de assistência estudantil e procurando um estágio para poder se dedicar mais aos estudos e estar mais presente na vida do filho durante a semana. Mari agora sente, de verdade, que ocupa um lugar que é seu, e que a Universidade deve ser o lugar de todos, todas e todes. Ela falou à Ana sobre sua vontade de compartilhar o quanto a alimentação é importante e como queria participar de uma iniciativa que possibilitasse que isso chegasse a mais pessoas. Mari sabia que a Universidade poderia ser um lugar importante para a divulgação dessas ideias e conhecer o pilar da extensão foi o começo da concretização desse objetivo.

Mais do que mudar por ter entrado na Universidade, Mari percebia o quanto sua presença poderia mudar aquele espaço e ficava feliz por encontrar algumas pessoas que concordavam com aquilo. Sabia das dificuldades que teve para entrar naquele ambiente, mas como seu pai lhe dizia: quem acredita, alcança. E ela acreditava. Acreditava principalmente que o processo não precisava ser tão difícil e cheio de obstáculos para pessoas como ela. Então, falou para Ana e as demais mulheres da coletiva que tinha entrado: eu quero realizar essa mudança com vocês.

Que tal conhecer

YAGUARÊ YAMÃ?

Escute a história, contada por ele. <https://acervo.museudapessoa.org/pt/destaque/o-satere-escritor>



“Eu sou, antes de tudo, Yaguarê Yamã, que na língua portuguesa significa Tribo de Onças Pequenas. Gosto muito de contar o meu tempo de criança na aldeia Yãbetué, povo de Maraguá. Eu sou desenhista, mas ninguém imagina, fora da minha aldeia, como eu aprendi a desenhar: com espinha de peixe, brincando do terreiro da aldeia! Pegava as espinhas de peixe, aquelas bem fininhas, e ia para o terreiro da aldeia e começava a desenhar na areia! Imitando animais, árvores, peixes, gente, comecei a gostar e desenhar e hoje eu acho até que desenho bem! Não passei por esses cursos que costumamos ver por aí! Sou um autodidata. A minha infância é muito bonita.

O meu povo, como toda a Amazônia, gosta muito de contar e ouvir histórias de “visage”! A gente aprende a lidar com os medos ouvindo essas histórias de fantasma. Os adultos juntavam numa casa de palha e cada um tinha uma rede pra deitar e a narrar as histórias tradicionais! Quando anoitecia, a gente corria logo para lá e ficava entre as pernas deles, sentadinhos bem no centro, porque mais atrás já tinha medo do que poderia vir atrás! Eles contavam cada história! O problema era quando terminava e os adultos não estavam nem aí para a gente! De um lado é floresta e de outro lado também floresta, tudo escuro, só com a luz lunar e tendo que ir andando em fila.

O primeiro prestava atenção para o que poderia vir na frente, o último prestava atenção para trás, qualquer vulto que aparecia nem avisava, saía correndo e a gente tinha que acompanhar na carreira também... Eu morava sempre do outro lado do terreiro, campo aberto, mas era escuro, e aí me dava medo, porque de repente vinha um coleguinha com medo e corria... E para entrar na rede tem que urinar antes! E aí estava o problema! Ter que ir lá fora no escuro, sozinho e nenhum coleguinha se prontificava para ir com a gente... Isso era um tormento, se poderia a gente nunca mais urinava na vida!

A nossa cultura não é de se comentar muito o que se aprendeu com a história. Aqui eu acho que o pessoal gosta muito de comentar: "Vamos lá, o que você aprendeu?", lá não, a história e basta, a pessoa desenvolve o espírito. O meu pai foi o maior contador de histórias que já existiu. Ele já é falecido e eu tenho um livro chamado O Caçador de Histórias, que é em homenagem a ele! Todas as histórias fantásticas, de aventura e de medo que ele contava estão nesse livro. Ele respirava fundo e mergulhava nas histórias, como um portal de entrada para um mundo mágico, onde os animais fantásticos falam entre si, e nessas histórias, com certeza, a gente acabava aprendendo as coisas: por fábula. Acho que para vocês também, serve para a gente aprender lições de vida que a gente fica aprendendo.

A primeira vez que eu fui para a cidade, tinha uns sete, oito anos. Fomos numa canoa feita por uns trançados, como uma tolda de palha. Os homens é que tinham que remar, sorte minha porque eu ainda era criança e não precisava estar enfrentando sete horas de viagem, remando.

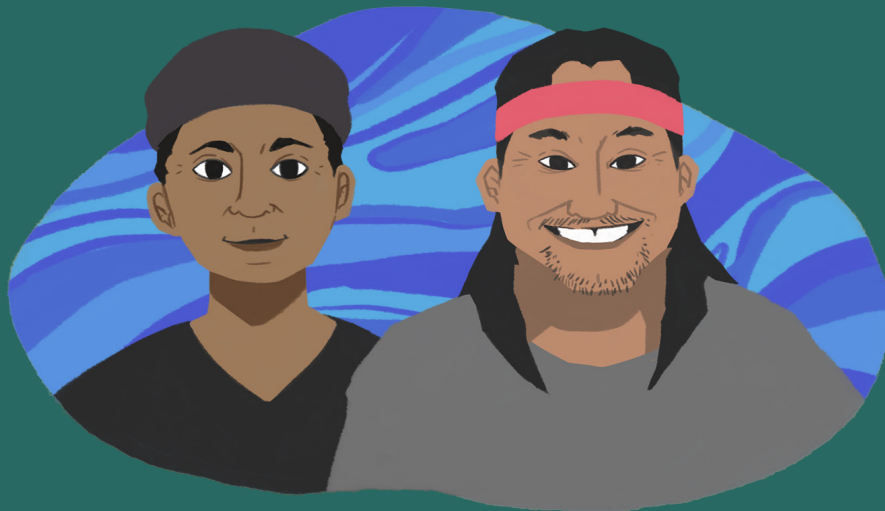
E diferente dos brancos daquela época, a gente viajava por dentro dos lagos, que era mais rápido, era melhor, a gente não costumava remar a rio aberto, sempre pelos lagos. Quando chegamos em Parintins, umas seis para sete horas da noite, eu nunca tinha visto aquela quantidade de luzes, aquilo era um mundo novo para mim, foi, nossa, não digo que foi amor à primeira vista, mas foi uma coisa que me marcou bastante!

Quando meu pai faleceu, houve uma oportunidade de ir para Manaus. Sem emprego, mas mesmo assim eu fui. A gente tinha que vencer na vida, então fui para Manaus com meus quatro irmãos homens pra procurar emprego. Depois de três anos em Manaus, me perguntaram se eu queria tentar a vida em São Paulo. Era isso que eu queria, porque a minha intenção era crescer e ajudar o meu povo, acho que eu sou bastante ligado a isso, de procurar, de organizar as coisas, uma melhoria para o meu pessoal. E dessa maneira a gente veio, eu vim embora para cá.



Era minha primeira vez andando de avião e o meu irmão disse: "Olhe, tu vai para lá e talvez tu nunca mais olhe esta floresta. Trate de olhar essa floresta aqui porque eu acho que lá é tudo uma selva de pedra, então trate de olhar essa aqui porque é uma última vez que tu vai olhar!", aí vem aquela dor! Do ambiente que a gente mais gosta, sair em busca de um sonho. Mas eu costumo não pensar muito no medo, acho que acostumei muito com as histórias de fantasma, por isso que eu não tenho tanto receio das coisas. Mesmo quando o avião levantou o voo, que dá aquele friozinho na barriga!

Cheguei em São Paulo e vieram me receber e não tinha ideia do que fosse o frio! Eu vim com uma camisetinha bem fina e cheguei num mês que estava muito frio, muito frio mesmo, e quando vi todo mundo usando roupa por cima de roupa e eu só com aquela camisetinha, e me perguntaram: "Tu tá com frio?", e eu disse: "Não", ainda nem sabia o que era frio, foi quando eu fui apresentado, aí eu comecei a ter frio, né?



Foi em São Paulo que eu conheci um amigo que eu gosto tanto, que é o Daniel Munduruku, um indígena que estava iniciando a carreira de escritor por intermédio de outras pessoas. E aí como abriram caminho para ele, ele também quis abrir caminho para mim. E foi assim, com as nossas conversas, que me ajudou no meu primeiro livro, Puratig: o remo sagrado, um livro infantojuvenil. Desde então, agradeço muito a ele e foi assim que eu comecei a andar nesse caminho. É muito boa a oportunidade de contar às pessoas da cidade como é nosso lugar, onde as pessoas da cidade não tem muita ideia, tem muito preconceito, falta de informação de saber como que é, e é por isso mesmo que eu faço isso com prazer, de escrever e de mostrar.

Um dia alguém me disse: "Olha, eu instalei internet para ti! Tu quer internet? Para conhecer as coisas tem que ter internet!", eu não ligava para isso, mas depois conversando com os outros, me ensinaram aquela coisa de sala de bate-papo... Eu achava estranho esse negócio de conversar com as pessoas sem saber quem é,

mas um dia eu entrei e comecei a conversar! Estava mesmo gostando do negócio, aí acessei de novo e veio uma pessoa chamada Renata conversar comigo. Conversamos bastante, a gente teve a ideia de trocar o telefone, eu dei o telefone de onde eu estava morando para ela, ela me deu o dela e pronto. Passamos um mês conversando por telefone e a tivemos coragem de se conhecer pessoalmente, lá no metrô Anhangabaú. Nossa, eu estava muito nervoso! Vi aquela moça e me deu vontade de voltar, mas eu falei: "Vou lá enfrentar!".

Desde lá eu já fui mostrando as fotos da minha família, a Amazônia e acho que isso ajudou bastante ela se interessar por mim. Passando uns três dias ela disse que estava disposta a namorar comigo. Que legal! O tempo passou, ela me apresentou à família dela e acabamos casando. Minha esposa que conheci pela internet! Quando eu falo isso na minha terra, o pessoal não acredita, é uma coisa meio absurda para eles! "Como que conhece alguém assim sem ver?" Um dia eu perguntei para ela se ela gostava realmente de floresta, de mato, essas coisas, ela disse que gostava. "Você está pronta para ir?" Ela aceitou e fomos embora.

Sou um contador de história desde que eu me lembro! A gente gosta disso, de passar, de mostrar para os outros aquilo que o indígena pensa!"

Aplicando a Interseccionalidade na Agenda 2030

Um de nossos grandes desafios é enxergar para além do contexto local e não hierarquizar experiências, saberes e conhecimentos em nível macro e micro, dando maior atenção e organizando as ações focadas na localização regional. O desafio é, portanto, absorver no contexto global a pluralidade das localidades e elaborar diretrizes em nível mais abrangente, que consigam abarcar e respeitar essa multiplicidade, rompendo com lógicas postas como universais. Dentro disso estão as Universidades, defendidas neste material como um lócus importante de produção de conhecimento, diálogo com a sociedade e mudança social. A proposta de leitura de narrativas partindo de um local de escuta exige um movimento que não colonize nossa observação e pressuponha que temos tanto a aprender quanto a ensinar. Sem o pressuposto de levar soluções ou intervenções unilaterais, nos é requisitado estar em um local de abertura ao escutar essas narrativas plurais.



Quantas vezes ouvimos uma história e pensamos que poderíamos "salvar" a pessoa em questão?

Devemos nos atentar a como nós, enquanto pessoas, instituições e modelos de organização coletiva em seus níveis políticos, econômicos e culturais, podemos estar reproduzindo essa perspectiva colonizadora de salvação alheia. Ou seja, um dos pontos de partida pode ser o questionamento sobre o que da história pode nos provocar a operar mudanças em nossa própria vida (ou estrutura de pensamento, por exemplo) e não somente, e de maneira unilateral, levar nossas soluções e premissas para quem (ou o grupo) que escutamos. A preocupação está em superar perspectivas "salvacionistas" ou

que carreguem esta postura colonizadora. Uma vez que nos colocamos nesse local, recebemos as narrativas como uma oportunidade de contribuição para a construção da sociedade que buscamos, cada vez mais solidária. Podemos entender os pontos de violência e desigualdade que existem nas narrativas, assim como os pontos de riqueza e contribuição para a própria elaboração das ações de intervenção, sendo esta necessariamente coletiva. Vamos testar algumas percepções? Abaixo você encontra dois exercícios a respeito das histórias. Eles servem tanto para guiar dinâmicas em grupo quanto para serem respondidos individualmente.

NA PRÁTICA 1

- O que observamos primeiro nas narrativas que lemos?
- Por que esses pontos nos chamam a atenção primeiro?
 - Durante ou após a leitura, buscamos soluções?
 - Estas soluções são baseadas em quais pressupostos?
 - Elas levam em consideração ou têm como ponto de partida quais conceitos e perspectivas?
 - Onde as Universidades entram nessa equação?
 - Como a entrada dessas pessoas com suas narrativas podem impactar e transformar a Universidade?
 - Como a Universidade, a partir dessa entrada, pode transformar o impacto e relação que tem com a comunidade/ sociedade?

NA PRÁTICA 2

Às gestões das Universidades, observando os dados a respeito da população universitária:

- Qual a frequência de utilização de dados que detalham a composição da população universitária?
- Como é o levantamento do perfil da comunidade acadêmica?
- Como a gestão lida com dados que visam trazer uma fotografia mais exata de por quem e como é composta a universidade? Há resistências de alguma ordem?
- Há estudos ou ações no sentido de analisar as informações e de como aprimorá-los para fortalecer suas bases de dados e impactar a tomada de decisão?
- A equidade é uma preocupação transversalizada, ou seja, as decisões orçamentárias e administrativas em geral levam em conta a diversidade da população atingida e o enfrentamento de desigualdades?
- Há espaço ou movimento efetivo para um mapeamento dos perfis presentes da universidade e da forma como estes diferentes perfis vivenciam a universidade?

Apresentamos essas reflexões e perguntas orientadoras como uma forma de recebermos as narrativas de uma maneira em que possamos desconstruir lógicas que podem nos levar a reproduzir desigualdades.

É um caminho, um processo profundo e gradual. Essas perguntas estão ligadas ao necessário monitoramento das políticas educacionais, que é muito necessário para ajustes e alterações no seu desenho ou na sua

implementação. Além disso, é sempre muito válido lembrar que qualquer uma dessas etapas deve incorporar pessoas dos mais diferentes pertencimentos da Universidade: estudantes, professoras/es, técnicos/as-administrativos/as. Não deixar ninguém de fora é uma forma de tornar as políticas públicas mais democráticas e impedir que soluções sejam pensadas de cima para baixo.

Vamos continuar esse processo de reflexão associando nossa leitura das narrativas com os ODS e suas metas?

PARA REFLETIR

- 1.** Você identificou a interseccionalidade dos ODS nas histórias?
- 2.** Como a interseccionalidade impacta nossa vida cotidiana?
- 3.** Quais ODS estavam relacionados às histórias?
- 4.** Como a raça, gênero, sexualidade, etnia e classe de Marielle e Yaguarê Yamã influenciam na sua história?
- 5.** Como produzir e avaliar políticas educacionais com base na interseccionalidade?

Identificando os ODS na prática

Durante a construção deste Guia, realizamos 3 workshops online para consulta e debates coletivos a respeito dos temas abordados aqui. Como a narrativa de Marielle foi construída durante o segundo workshop, debatemos algumas das questões que surgiram ao longo da dinâmica.

Chegou a hora da prática! Abaixo você irá encontrar dois (2) exercícios que visam nos aproximar dos ODS e identificá-los em alguns trechos das histórias de Marielle e Yaguarê Yamã. Para isso, devemos refletir sobre a importância de territorializar os ODS, isto é, levar em consideração o local da história e as oportunidades que ali existem.

Além disso, também é necessário pensar no GLOCAL (global + local). Os contextos internacional e nacional, sobretudo sociopolíticos, influenciam diretamente na vivência de cada pessoa. Por último, lembre-se sempre de pensar como o gênero, raça, classe, sexualidades, nível de escolaridade e cultura de Marielle e Yaguarê Yamã moldam e diferenciam suas histórias e suas oportunidades, para evitar que haja reprodução de estereótipos durante o exercício.



Erradicação da Pobreza



Fome Zero e Agricultura Sustentável



Saúde e Bem-Estar



Educação de Qualidade



Igualdade de Gênero



Água Potável e Saneamento



Energia Limpa e Acessível



Trabalho Decente e Crescimento Econômico



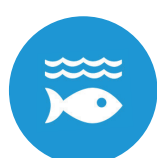
Indústria, Inovação e Infraestrutura



Redução das Desigualdades



Ação contra a ação global do clima



Vida na Água



Vida Terrestre



Cidades e Comunidades Sustentáveis



Consumo e Produção Sustentáveis



Paz, Justiça e Instituições Eficazes



Parceria pelas Metas



Igualdade Racial



Arte, Cultura e Comunicação



Povos originários e Comunidades Tradicionais

Quais ODS perpassam a vida de Marielle?

Abaixo, selecionamos quatro situações da narrativa de Marielle para conectá-los diretamente aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e reconhecermos os entrelaçamentos com as situações apresentadas:



FATO: Marielle engravidou durante a adolescência do namorado que, apesar de não ser mais seu companheiro, é um pai presente.

Quais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estão conectados? Justifique sua resposta.

• **ODS 3: Saúde e bem-estar**

O ODS 3 tem o objetivo tanto de reduzir as taxas de mortalidade materna e infantil, quanto promover acesso universal aos serviços de saúde sexual e reprodutiva, incluindo o planejamento familiar, informação e educação, bem como a integração da saúde reprodutiva em estratégias e programas nacionais. Marielle teve acesso a essas informações?

• **ODS 4: Educação de qualidade**

O ODS 4 visa assegurar uma educação de qualidade que dê oportunidade de aprendizado a todas e todos, incluindo a educação técnica, profissional e superior de qualidade. Que oportunidades foram cerceadas à Marielle ao longo de sua trajetória de estudante na educação básica em termos de acesso a bens e direitos? Uma proposta é a ampliação e aprimoramento de políticas de assistência estudantil para estudantes de baixa renda, negros e indígenas.

• **ODS 5: Igualdade de gênero**

Apesar do ODS 5 tratar gênero como se fossem apenas mulheres e meninas e não considerar como as intersecções de raça, classe e sexualidades influenciam nas questões de gênero, ele visa, além de acabar com as discriminações e eliminar todas as formas de violência, reconhecer e valorizar o trabalho de assistencial e doméstico não remunerado. Marielle chega do trabalho cansada e ainda tem de cuidar do filho, da casa e realizar as tarefas domésticas sozinha, o que torna imensas as suas responsabilidades e dificultam a construção de um projeto de futuro. A implementação de creches universitárias está alinhada ao cumprimento deste objetivo.



FATO: Moradora da área rural, a base alimentar de Marielle e sua família era composta por alimentos naturais de pequenos produtores da agricultura familiar.

Quais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estão conectados? Justifique sua resposta.

• **ODS 2: Fome zero e agricultura sustentável**

Com o objetivo de acabar com a fome, atingir a segurança alimentar e melhoria da nutrição

e promover a agricultura sustentável, o ODS 2 é conectado diretamente à base alimentar de Marielle e sua família, formada por pequenos agricultores. Desta forma, Marielle não precisaria alterar tanto sua alimentação fora de casa e teria mais oportunidades de viver da sua produção.

• ODS 3: Saúde e bem-estar

Para promover uma vida saudável e o bem-estar em todas as idades, contextos e localidades, este ODS também compreende que reduzir mortes e doenças por produtos químicos perigosos, contaminação e poluição do ar e água do solo, é uma forma de promover a agricultura sustentável (e familiar), caso da família de Marielle.

• ODS 11: Cidades e comunidades sustentáveis

Este ODS visa, dentre outros pontos, melhorar o acesso ao transporte público de qualidade e acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes. Morando na zona rural, Marielle tem de ir de van clandestina para a cidade, que não lhe dá segurança.

Além disso, o ODS 11 também apoia relações econômicas, sociais e ambientais positivas entre áreas urbanas, periurbanas e rurais, reforçando o planejamento nacional e regional de desenvolvimento. Sendo assim, ela não precisaria se deslocar com tanta dificuldade e riscos à zona rural, onde mora; teria mais oportunidades de ensino e trabalho, evitando esse êxodo diário.

• ODS 12: Consumo e produção responsáveis

Um dos objetivos do ODS 12 é reduzir o desperdício de alimentos e as perdas de alimentos ao longo da cadeia de produção e abastecimento, além de incentivar a Economia Circular e suas ações de prevenção, redução,

reciclagem e reúso dos recursos.

Fazendo parte de uma família de pequenos agricultores, a relação de Marielle com os alimentos é diferente de seus amigos da universidade pois ela tem a consciência e vivência da importância de que as pessoas, em todos os lugares, tenham informação e conscientização para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida em harmonia com a natureza.

• ODS 15: Vida terrestre

O ODS 15 trata, dentre outros pontos, da preservação e proteção da biodiversidade, bem como a gestão sustentável de todos os ecossistemas. Isso está relacionado à restauração do solo, à diversidade de plantas cultivadas e animais criados e à preservação dos conhecimentos tradicionais, inovações e práticas de povos indígenas, agricultores familiares e comunidades tradicionais. Desta forma, a família de Marielle e toda sua ancestralidade estaria protegida.

FATO: Marielle ouviu durante toda sua vida que o ensino superior "não era para ela".



Quais Objetivos de Desenvolvimento

Sustentável estão conectados? Justifique sua resposta.

• ODS 1: Erradicação da pobreza

Esse ODS tem como objetivo erradicar toda pobreza existente no mundo. Isso se correlaciona diretamente com a vida da Marielle porque em um mundo sem pobreza, ela e sua família teriam mais oportunidades e a liberdade de escolher sobre seu futuro.

• ODS 4: Educação de qualidade

Com a ampliação e aprimoramento de políticas de assistência estudantil para estudantes de baixa renda, negros e indígenas, um ambiente onde oportuniza uma educação

de qualidade, mais pessoas teriam esperança de alcançarem seus sonhos. Indo além, daria mais oportunidades de acesso às escolas e universidades, assim gerando menos desigualdade.

O acesso aos espaços de aprendizado - garantidos constitucionalmente - como escola (ensino primário e secundário) e faculdade/ universidade (ensino superior) de fato cria as oportunidades para que jovens como Marielle possam alcançar parte dos seus objetivos de vida, alguns materiais e outros apenas relacionados às oportunidades de realizações pessoais e mesmo de alcançarem sonhos.

• ODS 8: Trabalho decente e crescimento econômico

Esse ODS visa promover trabalho de qualidade para que todas as pessoas possam ter empregos decentes; e conseqüentemente, gerar crescimento econômico saudável tanto para a pessoa quanto para o país. O impacto desse objetivo geraria menos exploração do trabalho, mais direitos previdenciários e uma rotina saudável e menos cansativa.

• ODS 10: Redução das desigualdades

O ODS 10 visa promover a igualdade entre todas as pessoas. Um exemplo disso são políticas de prevenção à violência de gênero e racial nas universidades. Com menos desigualdades, ela teria mais oportunidades em diversos aspectos em sua vida, não haveria diferença de níveis de conhecimentos e realidades. Ademais, as pessoas ao seu redor com certeza iriam incentivar seus estudos sem que fossem necessários maiores sacrifícios.

• ODS 16: Paz, justiça e instituições eficazes

O objetivo é promover uma cultura de paz em que a justiça seja acessível a todos, e em que as instituições possam realmente concretizar ações que visam o comprometimento com

os interesses sociais. Marielle tem o direito de viver em um ambiente que proporcione paz para viver, justiça para se proteger e instituições que promovem inclusão e oportunidades.

• ODS 18: Igualdade racial

Esse ODS, ainda não institucionalizado, visa a igualdade racial, reduzindo a discriminação e gerando liberdade. Marielle é uma mulher preta de pele retinta, o que nos faz refletir e aplicar o conceito de interseccionalidade na visão deste ODS. Não é nenhum exagero afirmar que em uma sociedade racista, os acessos aos bens e serviços é previamente definido, o que gera profundas limitações ao exercício de direitos pela população negra do País. Com igualdade, a vida da Marielle seria seguramente mais livre, próspera, com mais oportunidades de trabalho, lazer, estudos e entre outros. É por essa razão que as ações afirmativas, como as políticas de cotas raciais nas universidades e no serviço público, são fundamentais para corrigir desigualdades.

FATO: Marielle desloca-se normalmente de van clandestina por um longo trajeto, onde sofreu assédio sexual em uma das suas voltas para casa



Quais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estão conectados? Justifique sua resposta.

• ODS 5: Igualdade de gênero

Para que a igualdade de gênero aconteça, é necessário acabar com todas as formas de discriminação às mulheres e meninas. Isso envolve eliminar qualquer tipo de violência, de gênero e raça, respeitando a vida, a autonomia e a liberdade das mulheres.

Quando Marielle foi assediada sexualmente dentro da van, a violentaram invadindo seu

corpo e gerando um sentimento de medo e impotência, o que muitas vezes impede as mulheres de circularem livremente pela cidade e até de se deslocarem para o trabalho ou instituição de ensino. Com a concretização do ODS 5, o debate sobre relações sociais patriarcais teria mais visibilidade e mais mulheres se sentiriam seguras para frequentar qualquer lugar que precisam ou desejam.

• **ODS 10: Redução das desigualdades**

O ODS 10 visa promover a igualdade entre todas as pessoas, empoderando e promovendo oportunidades de inclusão. Com a redução das desigualdades, Marielle teria acesso a uma política de transporte digna e respeitosa, independente do seu lugar de moradia, o que permitiria que realizasse seu trajeto com segurança e tranquilidade.

• **ODS 11: Cidades e comunidades sustentáveis**

Um ponto importante que este ODS tem como meta é o acesso a transportes seguros e de preço acessível a todos. Com a eficácia deste ODS, Marielle conseguiria exercer seu direito de ir e vir com menos preocupações.

• **ODS 16: Paz, justiça e instituições eficazes**

Com o objetivo de incentivar a cultura de paz, o ODS 16 tem como meta acesso público a informações e proteção das liberdades fundamentais. Visto o trecho citado acima, Marielle não teve nenhum desses aspectos garantidos. Com a implementação desse ODS, a vivência de Marielle seria mais justa?

• **ODS 18: Igualdade racial**

Raça é uma intersecção que influencia diretamente no debate de gênero, impactando em violências, relacionamentos, trabalhos, entre outros. Relacionando a vida de Marielle, podemos refletir que seu lugar dentro dessa realidade também diz muito sobre como é

promovido seu espaço na sociedade como mulher preta. O ODS 18 é um chamado para se importarem com vidas pretas que muitas vezes são invisibilizadas, e por isso sofrem múltiplas opressões.

Agora é sua vez!

Separamos duas situações relacionadas à narrativa de Marielle para testar se você já consegue fazer essas associações. Leia abaixo cada situação e reflita quais ODS estão conectados a elas. Tente pensar em pelo menos dois ODS para cada resposta.

1. Com o objetivo de entrar na Universidade, Marielle trabalhava e estudava e contou com a ajuda de cursinho popular e videoaulas online além da sua rede de apoio importantíssima nesse processo.

Quais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estão conectados? Justifique sua resposta.

2. Marielle sabia que a Universidade poderia ser um lugar importante para desenvolver e divulgar informações sobre alimentação saudável. Conhecer o pilar da extensão foi um início para alcançar esse objetivo.

Quais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estão conectados? Justifique sua resposta.

PARA REFLETIR

- 1.** A vida toda ela fez esse movimento de campo-cidade por falta de oportunidades?
- 2.** Há integração com redes de agricultura familiar para distribuição e venda da produção?
- 3.** Há algum tipo de política ou assistência estudantil para formação acadêmica de mulheres mães?
- 4.** Se fosse possível fortalecer a economia solidária em sua cidade, isso a ajudaria?

Quais ODS perpassam a vida de Yaguarê Yamã?

Abaixo, selecionamos quatro fatos da história de Yaguarê Yamã para conectá-los diretamente aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e reconhecermos os entrelaçamentos com as situações apresentadas:



FATO: Yamã é um desenhista autodidata. Durante sua história, ele conta que aprendeu a desenhar com espinhas de peixe bem fininhas na areia, imitando tudo que via. Ele disse que nunca fez cursos para aprender.

Quais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estão conectados? Justifique sua resposta.

• ODS 4: Educação de qualidade

O ODS 4 discorre sobre a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação técnica, profissional e superior para que jovens e adultos tenham habilidades relevantes para emprego decente, incluindo populações vulneráveis como povos indígenas. Além disso, também trabalha como meta o desenvolvimento de habilidades para promover o desenvolvimento e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, cultura de paz e valorização da diversidade cultural, como a cultura indígena. Yamã não teve oportunidade de desenvolver suas habilidades artísticas desde jovem e só anos depois tornou-se escritor, já em São Paulo.

• ODS 6: Água potável e saneamento

O ODS 6 envolve esforços pelo acesso universal e equitativo à água potável e saneamento, buscando melhorar a qualidade da água, reduzindo a poluição, despejos e liberação de produtos químicos e materiais

perigosos na água e proporcionando corpos hídricos com boa qualidade ambiental. Além disso, também desenvolve a proteção e restauração de ecossistemas relacionados com a água, como florestas e rios, preservação ambiental e participação das comunidades locais para melhorar a gestão dos recursos hídricos e o saneamento.

Não sabemos se Yamã tinha água potável e saneamento onde morava, mas as águas são, além de fonte de alimento e hidratação, necessários para o plantio, o transporte e o lazer, de modo que o cuidado dessas fontes hídricas está diretamente ligada à preservação da vida indígena.

• ODS 14: Vida na água

O ODS 14 está diretamente relacionado com o ODS 6. Apesar do foco em oceanos e mares, a vida na água doce é abundante e também precisa ser cuidada. Nesse sentido, assegurar uma gestão sustentável das vidas existentes nos rios, suas nascentes e afluentes, assim como lagos, mangues e aquíferos subterrâneos é garantir sua conservação e o uso a longo prazo.

• ODS 19: Arte, cultura e comunicação

Esse ODS proposto recentemente discorre sobre a necessidade de institucionalização políticas que respeitem as identidades culturais. A garantia de uma cultura da

diversidade e pluralidade passa pela valorização de tradições dos diferentes povos, como das diferentes etnias indígenas e a expressão artística única desenvolvida por Yamã com espinhas de peixe! O exercício é sempre questionar de que forma estão construídas as nossas concepções do que é arte e cultura, por exemplo, dentro da nossa formação colonizadora e racista.

• ODS 20: Povos originários e comunidades tradicionais

Garantir os direitos e promover a cultura dos povos originários e comunidades tradicionais faz parte do ODS 20 pelo respeito, valorização e preservação da memória e resistência. Será que damos condições materiais e psicológicas para preservação da cultura indígena, para a garantia de suas vidas e manutenção dos seus territórios, pelo fim da violência colonial racista?

FATO: A primeira vez que ele viu luzes e energia elétrica foi aos sete ou oito anos, em sua primeira viagem à cidade. Yama foi com outros homens de sua aldeia, que remaram durante 7 horas de viagem. Ele nunca tinha visto aquela quantidade de luzes e afirmou que o marcou bastante!

Quais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estão conectados? Justifique sua resposta.

• ODS 7: Energia Acessível e Limpa

O acesso à energia universal, confiável, moderna e a preços acessíveis ainda é um desafio no Brasil, principalmente em áreas rurais, ribeirinhas e de florestas. Mas o ODS 7 trabalha pela melhoria da eficiência energética e pelo desenvolvimento e acesso de energias limpas e renováveis para um uso sustentável

das matrizes energéticas e que chegue a todos, todas e todes.

• ODS 10: Redução das desigualdades

Enquanto Yamã viajava em um longo traslado de remo, a "cidade grande" já era um lugar visto como moderno, avançado e próspero. Isso demonstra a desigualdade existente, a falta de oportunidade e a racialização da pobreza que atinge principalmente as pessoas historicamente marginalizadas da sociedade. O ODS 10, em prática, é importante para promover o empoderamento, igualdade de oportunidades, inclusão social, política e econômica dessas pessoas, assim como entender as particularidades e necessidades específicas de cada um desses grupos populacionais.

Para isso são necessárias ações que garantam proteção social e representação política visando instituições mais eficazes, responsáveis e legítimas.

• ODS 11: Cidades e Comunidades Sustentáveis

O ODS 11 pretende tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis. Essa parte da história de Yamã está relacionada à proteção de patrimônios culturais e naturais do mundo com o avanço da urbanização, planejamento das cidades, acesso a sistemas de transporte seguros, acessíveis e sustentáveis e redução de impactos negativos resultados de catástrofes ambientais.

FATO: Após morar em Manaus por três anos, Yama foi para São Paulo. Ele tinha intenção de crescer e ajudar seu povo, de forma a procurar e organizar maneiras de promover melhorias para seu povo.

Quais Objetivos de Desenvolvimento

Sustentável estão conectados? Justifique sua resposta.

• ODS 8: Trabalho Decente e Crescimento Econômico

A promoção de Políticas focadas no desenvolvimento de atividades produtivas para geração de renda e emprego decente pode contribuir para formação de oportunidades de empregos sustentáveis para Yamã em sua própria comunidade, evitando sua migração para outras cidades em busca de alternativas e oportunidades, caso deseje permanecer. Como observado durante a narrativa, Yamã é criativo, inovador e possui grande conhecimento sobre sua comunidade e importância da natureza. Essas características devem ser promovidas e incentivadas por meio de empregos sustentáveis e inclusivos.

• ODS 20: Povos originários e comunidades tradicionais

Yamã carrega consigo suas tradições, histórias e saberes ancestrais. A preservação da vida, dos direitos e culturas tradicionais é vital para o enfrentamento às violências estruturais em nossa sociedade, que pouco valoriza e reconhece esses povos. É por meio de sua arte e oralidade que Yamã se reconhece e se insere na sociedade, e tudo isso é conectado com sua história e tradições.



FATO: Na primeira viagem de avião de Yamã, seu irmão disse para ele olhar bem para a floresta porque talvez nunca mais fosse vê-la. Yama sentiu uma dor ao pensar que teria de sair do ambiente que ele mais amava para ir em busca de um sonho.

Quais Objetivos de Desenvolvimento

Sustentável estão conectados? Justifique sua resposta.

• ODS 2: Fome zero e agricultura sustentável

Os povos tradicionais são responsáveis pela preservação dos biomas e das florestas. Respeitar seus direitos e territórios é manter a diversidade de sementes, plantas e espécies selvagens. Os conhecimentos tradicionais associados e a divisão justa e equânime dos recursos genéticos é uma maneira de contribuição para agricultura sustentável na floresta.

No caso da floresta em que Yamã nasceu, floresceram projetos com recursos relacionados à erradicação da fome e ao respeito de suas tradições e direitos, possibilitando acessar saberes e recursos compartilhados com muita sabedoria entre eles.

• ODS 10: Redução das desigualdades

É essencial pensar na redução das desigualdades de forma conectada com a promoção de políticas e práticas de inclusão social, econômica e política. Yamã necessitou migrar de sua comunidade devido à escassez de recursos e possibilidades. É essencial a eliminação de quaisquer práticas ou legislações discriminatórias, promovendo a erradicação da pobreza e desigualdades e um futuro mais justo e sustentável para os povos originários e minorias.

• ODS 12: Consumo e produção responsáveis

Em seus objetivos o ODS 12 prevê a conscientização sobre o desenvolvimento sustentável e estilos de vida em harmonia com a natureza. Ao promover práticas conscientes e desencorajar consumo predatório e exagerado, esse objetivo é interdependente e conectado com as

práticas de povos originários e tradicionais.

A manutenção do modo de vida desses povos, respeito a seus direitos e tradições é o que permitirá que Yamã reencontre a floresta e comunidade em pé e conectados com a natureza, por isso qualquer tipo de acesso a serviços básicos, uso energético ou de infraestrutura precisa estar profundamente ligados com o consumo e produção responsáveis.

• **ODS 13: Ação contra a mudança global do clima**

Devemos pensar nas mudanças do clima a partir das nossas ações do cotidiano e como podemos contribuir para o não avanço dos riscos de desastres. O uso de fontes de energia limpa, por exemplo, é uma alternativa potente para deixarmos de lado o uso de queimas de combustíveis fósseis. Ter como horizonte a necessidade de conter as mudanças climáticas aumenta a conscientização desse alerta global e possibilita planejamento e gestão eficaz do uso dos recursos e de impacto.

Agora é sua vez!

Separamos duas situações relacionadas a história de Yaguarê Yamã para testar se você já consegue fazer essas associações sem ajuda. Leia abaixo cada situação e reflita quais ODS estão conectados a elas. Tente pensar em pelo menos dois ODS para cada resposta.

Yamã se sentia muito bem contando histórias ou escrevendo-as para pessoas da cidade sobre como funcionava sua vida na aldeia. Essa era uma forma de combater os preconceitos e a falta de informação sobre as culturas indígenas.

Quais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estão conectados? Justifique sua resposta.

Ele não era familiarizado com a Internet, então as pessoas o ajudaram e o ensinaram a usar. Depois de um tempo, conheceu sua esposa em uma sala online de bate-papo e os dois voltaram juntos para a Amazônia.

Quais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estão conectados? Justifique sua resposta.

PARA REFLETIR

1. A sua comunidade de origem possui acesso básico a água potável, saneamento básico e energia acessível?
2. Há algum projeto de promoção de economia solidária na comunidade originária dele?
3. Há possibilidade de Yaguarê desenvolver seu talento de desenhar?
4. Se ele pudesse escolher, continuaria em sua terra natal?
5. Quais oportunidades Yaguarê Yamã iria ter se permanecesse em sua comunidade de origem?
6. Sua comunidade pertence a terras demarcadas ou tem algum tipo de proteção?

Para que essa mudança de percepção ocorra, precisamos entender o que acontece a nossa volta. Recebemos tantas informações diariamente que não as levamos com seriedade e nem temos tempo para nos dedicar a cada uma delas.

Para piorar, as notícias fraudulentas confundem ainda mais nossa recepção de informações relevantes para nosso planeta e comunidades locais e globais. Por isso é importante a gente perceber que tudo está conectado numa rede complexa de transversalidades.



DEVER DE CASA



1. A partir de agora, vamos tentar enxergar os ODS nas nossas próprias histórias de vida e nas que escutamos todos os dias?

2. Como essas histórias podem nos inspirar?

DESENHO TEÓRICO

Qual é a importância da transversalidade para a interpretação dos ODS?

Para além de um conceito, a transversalidade é marcada pela atuação que entende o atravessamento dos múltiplos campos de conhecimentos ampliando interpretações e respeitando suas particularidades e limitações. Trabalhar a transversalidade dos ODS nos torna capazes de pensar as inter-relações das origens, causas e consequências de problemas sociais de forma prática. O que o acesso à água potável e saneamento tem a ver com educação? Como a erradicação da pobreza passa pela igualdade de gênero? Esses são exemplos da transversalidade entre os ODS que devem ser pensadas com o objetivo de possibilitar conversas laterais, abandonando conversas verticais, de cima para baixo e hierarquizadas (Sandim, 2012).

Entender a necessidade de pensarmos soluções horizontais é o caminho para proposição de ações integradas e sustentáveis das instâncias governamentais e de intervenções sociais visando aumento da eficácia de políticas públicas com características mais democráticas e inclusivas (Bandeira, 2005). Assim, esse instrumento é capaz de vincular contextos reais à conteúdos

teóricos, o que facilita a disseminação e aplicabilidade dos conteúdos presentes nos ODS.

Como a transversalidade democratiza o conhecimento?

A Universidade é uma instituição importantíssima na vida de cada pessoa que manifesta suas opiniões e saberes e complementa sua formação e capacitação. Mas além disso, nossos conhecimentos adquiridos durante a vida e fora de ambientes escolares também devem ser legitimados. Isso nos mostra que todos temos muito a aprender e muito a ensinar. Todo conhecimento é importante!

Portanto, muito mais que um espaço acadêmico, a Universidade se torna uma referência para movimentos sociais, pesquisas, extensões, manifestações e compartilhamento de vivências que podem ser levadas para nossos outros espaços de convivência.

Entendendo a transversalidade como uma ação que, por meio de uma visão que atravessa vários saberes com finalidade de gerar uma construção coletiva, se entrelaça diretamente com o espaço que a Universidade

propõe. Para incentivar a transversalidade na Universidade é preciso ter consciência das múltiplas representatividades que ali se encontram, e a partir disso, criar ações que assegurem práticas democráticas através da escuta, do diálogo, e incentivos a projetos alinhadas à construção de uma nova sociedade.

A partir do uso da visão transversal para a produção desses espaços de diálogo e troca, tanto o ensino, como a pesquisa e a extensão desenvolvem saberes mais próximos à realidade dos sujeitos políticos em questão. A ação transversal, se utilizada de forma a reforçar e garantir direitos básicos e valores societários que condizem com as transformações que acreditamos que precisam ser operadas em nossa sociedade.

Como ações transversais podem estar presentes na extensão?

O conhecido tripé universitário – ensino, pesquisa e extensão – está previsto na Constituição Federal (art. 207) como diretriz das universidades brasileiras. A extensão é uma forma de estabelecimento do diálogo e interação da Universidade com outros espaços sociais. Na medida em que a universidade pública brasileira se afasta dos ensinamentos de Paulo Freire e Darcy Ribeiro – e se torna asséptica, isolada e descompromissada – a extensão compartilha, acolhe e recolhe saberes (Deus Ets Heriques).

A extensão universitária teve uma trajetória de mudanças durante o último século de acordo com contextos sociais e políticos. Em 1998, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) passou a pensar e projetar a Universidade com três funções: a função acadêmica (fundamentada em bases teórico-

metodológicas), função social (promoção da organização social e a construção da cidadania); e articuladora (do saber fazer e da universidade com a sociedade) (Serrano). A construção de ações que se pautem pela transversalidade tem a premissa de interconexão e diálogo entre as possíveis partes e atores envolvidos, suas respectivas funções e em como cada um deles pode nutrir uma ótica transversal de compromisso com a ética solidária e coletiva, levando a que todos os programas oriundos do tripé universitário tenham a preocupação de produzir com suas ações realidades pautadas na equidade, por exemplo, com ações conjuntas entre setores e atores diversos.

A construção, elaboração e aprovação de projetos de extensão que estejam alinhados com os temas dos ODS é uma ação transversal e um importante orientador de como a transversalidade pode operar no cotidiano da universidade.

Qual é a importância da visão interseccional para a interpretação dos ODS?

A interseccionalidade consiste em uma ferramenta teórica e metodológica produzida por feministas negras para pensar na inseparabilidade estrutural das opressões (Akotirene, 2019). Através de artigo publicado pela norte-americana Kimberlé Crenshaw em 1989, a ideia de interseccionalidade é sistematizada pela primeira vez. Definindo-a como um método de compreensão de múltiplos eixos de subordinação, Crenshaw demonstra como esses eixos se articulam e procura pensar estratégias para superá-los.

A ótica interseccional é capaz de explicar como o racismo, o capitalismo e o cisheteropatriarcado, bem como os desdobramentos destes, são fruto de uma

ação contínua, em que essas diversas frentes de opressão operam em conjunto. A partir dessa visão, conseguimos compreender que não há primazia de uma opressão sobre a outra, mas que estas se retroalimentam. Entendendo que a interseccionalidade funciona como uma lente para enxergarmos não só o feminismo, mas sim para construirmos novos marcos civilizatórios e modelos de sociedade, ela é fundamental para o entendimento de como os ODS se relacionam, por atuarem muitas vezes sobre o mesmo sujeito.

Para que essa ação resulte em articulação e efetivação dos ODS, se faz necessário entender a identidade política desses sujeitos. A Agenda 2030 tem como principal slogan “não deixar ninguém para trás”, e é assim que a interseccionalidade funciona, como uma metodologia que abrange as mais diversas relações de poder.

Entendendo que o Brasil é atravessado fortemente pelo machismo e pelas marcas racistas que 300 anos de escravidão deixaram em nosso país, é impossível falarmos de erradicação da fome ou promoção de igualdade de gênero, por exemplo, sem considerar as desigualdades estruturais que esse sistema produziu. Portanto, ao nos referirmos a qualquer ODS, precisamos enxergar o objetivo em questão como atravessados por esse contexto de desigualdade racial e de gênero, que atua diretamente nas questões econômicas e no desenvolvimento do país em geral.

Como a interseccionalidade democratiza o conhecimento e como a extensão, ensino e pesquisa podem contribuir com a interseccionalidade?

A interseccionalidade procura democratizar

o conhecimento ao alinhar lutas como a preservação do meio ambiente, a fome e as demais desigualdades estruturais com discussões que nem sempre estão presentes nos países desenvolvidos do Norte global. Por exemplo, a questão da localização centro-periferia dos países, que procura entender e pautar o desenvolvimento de diversos modelos de sociedade pela superação dos resquícios da colonização, e também da globalização, muitas vezes realizada de maneira impositiva sobre esses países.

Ao promover um debate melhor localizado, a interseccionalidade se aproxima da identidade política dos sujeitos, que acabam por se identificar com as causas debatidas, atraindo-os para o alinhamento de demandas e reivindicações sociais que contribuem para o alcance dos ODS. A extensão/pesquisa/ensino, como pilares presentes nas Universidades brasileiras, podem desenvolver, por meio dessa definição de identidades políticas, soluções que procurem agir para e com o sujeito atravessado pelas diversas fontes de opressão. O que se pode dizer é que, com a lente interseccional, podemos olhar para os problemas e como estes são estruturados, e partir disso para pensar e produzir soluções acadêmicas, pesquisas, e até mesmo políticas públicas.

Por que a transversalidade e a interseccionalidade devem andar juntas?

A transversalidade e a interseccionalidade se complementam. Nosso exercício deve ser utilizar, de maneira transversal, a interseccionalidade como método analítico. É como se pudéssemos colocar óculos ou lentes que enxerguem as sobreposições das camadas antes do fato analisado, além do que é ou aparenta ser. Comumente, a interseccionalidade está associada à

perspectiva de gênero e raça, explicada pela sua origem conceitual. Mais a fundo, essa estratégia metodológica não se limita apenas a esses marcadores sociais da diferença, pois entende as opressões estruturais e estruturantes da sociedade contemporânea decorrentes do mesmo processo: a colonização.

Por isso não estamos falando simplesmente de sexo biológico ou cor de pele, estamos falando de identidades e experiências, assim como de territorialidade, relação com a natureza e os outros seres e organismos, capacidades cognitivas e físicas, sexualidades, saúde, alimentação, consumo, acessos e oportunidades e tudo que nos envolve e está envolvido de forma multidimensional e simultaneamente as nossas existências.

GLOSSÁRIO: teorias e conceitos

Gênero: É um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; é uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995). Neste Guia, trabalharemos gênero segundo o conceito que afirma que este é atrelado aos aspectos sociais atribuídos ao sexo biológico. Ou seja, a partir da ideia de que gênero está vinculado a construções sociais, não a características naturais. A partir dessas construções, se definem papéis, funções e comportamentos atrelados ao sexo biológico do sujeito em questão.

Raça: O termo raça surge inicialmente para se estabelecer classificações a animais e plantas. A ideia de raça como referência a uma suposta diferença biológica entre seres humanos é um fenômeno da modernidade. Portanto, é um conceito socialmente construído.

As teorias raciais surgiram como forma de tentar justificar a ordem social que surgia à medida que países europeus tornavam-se nações imperialistas, submetendo outros territórios e suas populações ao seu domínio. (ALMEIDA, 2018). Para as nações europeias, este domínio advindo da colonização e do imperialismo seriam justificados por suposta superioridade/inferioridade racial de um grupo sobre outro.

Classe: A classe social determina um grupo de indivíduos que compartilham interesses e possuem condições socioeconômicas semelhantes (MARX; ENGELS, 1848). Pode também ser entendida como a posição social de um indivíduo definida por aspectos como status, riqueza e poder (WEBER, 1971). E a partir disso, se estabelece uma hierarquia de grupos

sociais, que possuem diferentes significâncias e atribuições dentro da divisão social do trabalho.

Orientação Sexual: Se trata da atração e desejo afetivo-sexual sentida por cada indivíduo em relação às outras pessoas. Essa orientação se dá a partir do gênero representado pelas pessoas em questão, e ao longo da vida, é possível se identificar e experimentar diversas formas de vivenciar estes desejos; sendo eles não inflexíveis/estáticos.

Identidade de Gênero: A identidade de gênero se refere à vivência de uma pessoa com o seu próprio gênero. Pessoas cis se indentificam com o sexo que foi lhes designado no momento de seu nascimento; já pessoas trans divergem de seu sexo biológico. Portanto, esta subjetividade do indivíduo trata da maneira como a pessoa se sente e se percebe, assim como a forma que esta deseja ser reconhecida pelas outras pessoas.

Patriarcado: Patriarcado é uma palavra que advém da combinação das palavras gregas pater (pai) e arkhe (origem e comando). Portanto, o patriarcado é epistemologicamente "a autoridade do pai". É um sistema de supremacia do homem branco que os coloca hegemonicamente em funções de liderança política, privilégio social e poderio econômico.

Misoginia: A palavra vem do grego onde miseó é "ódio" e gyné significa "mulher". Portanto, significa desprezo ou aversão às mulheres. Trata-se de um comportamento social, historicamente construído a partir de diversos marcos históricos, com manifestações diversas a partir da peculiaridade de cada sociedade.

Sororidade: A origem da palavra vem do latim "sóror", que significa irmãs. Este conceito surge como um sentimento de solidariedade, empatia, união e acolhimento entre mulheres. Procura combater a rivalidade feminina a partir de uma conduta de respeito para com outras mulheres a partir de um senso de coletividade.

É o entendimento de que, apesar de termos vivências e pontos de partida diferentes, todas as mulheres possuem marcas de uma opressão comum, que é o machismo. Também pode e deve funcionar como um instrumento político para favorecer o equilíbrio de posição de grupos invisibilizados pela sociedade, como as mulheres negras.

Equidade de Gênero: A equidade de gênero trata de uma luta por oportunidades iguais independente de gênero. Partindo do pressuposto de que não somos todos iguais, e que é necessário realizar uma reparação histórica em relação a discriminação contra as mulheres, reconhecemos as necessidades e características próprias de cada gênero, e a partir daí pautamos as condições necessárias para exclusão das desvantagens e vulnerabilidades que as mulheres enfrentam enquanto grupo.

Empoderamento: É um neologismo do educador Paulo Freire que tem origem no termo inglês "empowerment". É um instrumento de luta social que nasce a partir da conscientização profunda de quem se é e sobre quais as implicações sociais agem sobre nossas vidas. É uma indagação sobre as relações hierárquicas do mundo em que vivemos, em que é necessário ocorrer o empoderamento individual e coletivo como uma relação simbiótica (BERTH, 2020). Os próprios grupos desfavorecidos devem empoderar-se por si próprios. Deste modo, o empoderamento age para emancipar não só

o sujeito, mas todo o grupo historicamente marginalizado ao qual ele pertence (FREIRE, 1987).

Feminismo: Movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão às mulheres (hooks, 2000). Trata-se da ideologia em torno da construção de um mundo em que haja equidade de gênero, e que busca transformações políticas, sociais e estruturais no ambiente público e privado.

Decolonialidade: É uma escola de pensamento utilizada fundamentalmente pelo movimento latino-americano com o objetivo de articular e construir conhecimentos e saberes sem a centralidade da hegemonia do pensamento europeu. É um movimento organizado por redes e sujeitos que foram colonizados, e buscam localizar-se historicamente para compreender e transformar sua própria realidade.

Sul Global: É um termo utilizado em estudos pós-coloniais para se referir aos países localizados nas regiões periféricas e semiperiféricas do mundo moderno, anteriormente denominados como "países de terceiro mundo". É também uma metáfora que atenta para a exploração e exclusão social, agregando lutas por projetos alternativos de transformação social e política. Remete não apenas a um território, mas a uma geopolítica (MENEZES, 2009).

Branquitude: Refere-se à identidade racial branca enquanto um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos e objetivos que ajudam na construção e reprodução do racismo (DU BOIS, 1935). É um lugar de vantagem estrutural que impõe inferioridade a todos aqueles colonizados pelos europeus, e coloca as vivências e definições de sujeitos brancos como universais.

Transversalidade: É um instrumento de aprendizagem com o objetivo de contextualizar temas e questões sociais a partir de analogias. Permite a identificação de origens, causas e consequências de diversas problemáticas sociais de forma real e prática.

Interseccionalidade: É uma ferramenta metodológica que se propõe a refletir questões sociais a partir da ideia de inseparabilidade estrutural das opressões. Essa visão proporciona a compreensão de que não há primazia de uma opressão sobre a outra, mas que estas se retroalimentam e atuam sempre em conjunto.

Colonização: É um processo histórico em que os seres humanos passam a ocupar e explorar territórios até então desconhecidos por eles. No Brasil, a estrutura da colonização se concretizou como exploratória com base na escravidão de pessoas negras e no latifúndio.

Globalização: É um processo histórico que se desenvolve na atual conjuntura do sistema capitalista em que vivemos, com o objetivo de expandir o comércio mundial. Trata-se de uma integração social, econômica e cultural entre diversas regiões do mundo, impulsionada pela Revolução Técnico-Científica-Informacional em meados do século XX. Através da existência de empresas transnacionais, fusão entre o capital bancário e produção industrial, articulação de blocos econômicos, atuação militar e formação de uma indústria cultural, impulsionada principalmente pelos EUA, este processo foi capaz de se disseminar pelo mundo inteiro.

Representatividade: É a expressão dos interesses de um grupo a partir da figura de um representante político. Este representante político carregará consigo a subjetividade e identidade dos pertencentes a esse grupo, e

deve ser capaz de fundamentar e sintetizar os interesses deste.

Democracia: Como regime político, se trata de um sistema em que os cidadãos elegem seus governantes por meio de eleições periódicas regulamentadas por órgão estatal específico.

Hegemonia: É um conjunto de ideias dominantes de uma determinada conjuntura social, política, cultural e econômica. Não se trata de uma estrutura permanente e institucionalizada, mas o Estado e as lideranças que o compõem são o resultado da somatória de forças em disputa (GRAMSCI, 1971).

Inclusão Social: É o ato de incluir na sociedade setores historicamente excluídos e marginalizados do processo de desenvolvimento socioeconômico.

Diálogo: Tem a função de harmonizar situações e relações. Ao invés de se utilizar a força bruta, os seres humanos foram capazes de desenvolver a racionalização de condutas violentas, e promover o resgate de valores com a intenção de evitar conflitos (BRASIL SEIKYO, 2002)

Sustentabilidade: É a busca do equilíbrio entre a disponibilidade de recursos naturais e a exploração deles pela sociedade. É um movimento que procura trabalhar em conjunto a preservação do meio ambiente e a promoção do desenvolvimento econômico e da qualidade de vida da população.

Qualidade de Vida: É uma expressão que está associada ao sentimento de bem-estar e autoestima do indivíduo. Compreende vários aspectos, dentre eles: nível socioeconômico, qualificação formal/intelectual, estado emocional, interação social, autocuidado,

estado de saúde, estilo de vida, satisfação com o trabalho, e ambiente em que vivem.

Políticas Públicas: Processo que objetiva a resolução de um problema público. Se desdobra em ações e programas desenvolvidos pelo Estado e pela sociedade para a garantia de direitos e promoção da cidadania para as pessoas. Envolve a garantia de direitos, promoção de assistência ou prestações de serviços à população.

Vulnerabilidade Social: Situação socioeconômica promovida por um conjunto de fatores que atuam em diversas dimensões, em que devido à ausência de recursos suficientes, há deficiência no acesso a direitos básicos como alimentação, moradia e acesso à educação.

Pensamento Crítico: É a análise de fatores que formam uma reflexão acerca de um fato, comentário, conteúdo ou experiência. Este processo de análise é realizado a partir de uma fundamentação decorrente de referências teóricas de diversos saberes.

MAPEAMENTO DE COLETIVAS/OS E PROJETOS DE EXTENSÃO

CENTRO-OESTE

• COLETIVAS

Coletivo Rosa Parks - UFG (GO) ☒

Atua com os ODS: 03; 04; 05; 10;18

Focado em estudos e pesquisas sobre raça, etnia, gênero, sexualidade e interseccionalidades, o projeto atua como um “guarda-chuva” de pesquisas, estudos qualitativos e quantitativos, produção de artigos, orientação de trabalhos de conclusão de curso de graduação e pós-graduação, produção de oficinas e seminários, exposições e intervenções, ultrapassando o espaço da universidade, atuando em escolas e espaços culturais. Disponível em: <https://rosaparks.fcs.ufg.br/>

Coletivo Magnífica Mundi - UFG (GO)

Atua com os ODS: 04; 05; 10; 19

Iniciado em 2000, o projeto promove a extensão universitária por meio da formação de comunicadores populares. O coletivo também é laboratório da prática do jornalismo compartilhado. Através de rádio comunitária e WebTV, se trata de um espaço onde os temas que não possuem espaço na mídia hegemônica tradicional são tratados e sua realização acontece pelo comprometimento dos alunos envolvidos. Disponível em: <https://magnificamundi.fic.ufg.br/p/855-sobre-a-magnifica-o-que-e-o-coletivo-magnifica-mundi>

Coletivo VerAcidade - UCBD - Universidade Católica Dom Bosco (MS)

Atua com os ODS: 10; 11; 19

Busca por meio da produção de conteúdo virtual e de ações práticas dialogar, debater e explorar a vida cotidiana urbana, sustentado por temáticas relacionadas à reforma urbana, mobilidade sustentável e habitação. Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivoveracidade/>

Coletiva Pretinhas - (DF) ☒

Atua com os ODS: 05; 10; 18

Promove ações afrocentradas dirigidas a mulheres negras e periféricas, considerando a diversidade geracional, de cultura, de gênero e sexual. A dignidade da mulher negra é promovida por meio do AfroAfeto e Afrocidade a partir de rodas de conversa, encontros e vivências no Distrito Federal e Entorno. Disponível em: <http://afrolatinas.com.br/preta-por-onde-anda-o-autocuidado/> <https://www.instagram.com/coletivapretinhas/>

• EXTENSÃO

Roda das Minas - UnB (DF)

Atua com os ODS: 05; 10; 18

Coletiva feminista e Projeto de extensão. Atua na criação e promoção de espaços seguros de compartilhamento e diálogo exclusivo para mulheres, tendo como missão alcançar a justiça social por meio do afeto, da política e da comunicação entre mulheres e a sociedade. Disponível em: <http://www.rodadasminas.com.br> e <http://www.instagram.com/rodadasminas>

UnB 2030 - UnB (DF)

Atua com os ODS: 17; 3

Iniciado em 2018, o UnB 2030: Sustentabilidade e Desenvolvimento Inclusivos é um programa de extensão universitária estratégico da Universidade de Brasília, que possui o objetivo de implementar, mapear e articular a Agenda 2030 e ODS nas territorialidades da UnB.

Corpolítica: Grupo de Estudos Interdisciplinares, Práticas Discursivas e Políticas dos Corpos - UnB (DF)

Atua com os ODS: 03; 05; 10. O projeto atua na construção de conhecimento, ocupação de espaços, produção artística, diálogo relacionado a diversidades, além do desenvolvimento de estratégias para atender demandas políticas da comunidade LGBTQIA+, fortalecendo desse modo o combate diário de qualquer forma de preconceito e opressão. Disponível em: <https://www.facebook.com/corpolitica>

Acolhidas UFU - (GO)

Atua com os ODS: 05; 10

Trata-se de um Coletivo Feminista de enfrentamento e combate à violência de gênero e assédio em suas diferentes formas, em que são realizadas campanhas e produção de conteúdo virtual, além de atendimentos dentro do campus ou virtualmente, para serem relatados casos de incidentes ocorridos com a comunidade acadêmica feminina. Disponível em: <https://www.instagram.com/acolhidas.ufu/>

EPURA - UFMT (MT)

Atua com os ODS: 01; 11; 16

Criado em 2009, o grupo de pesquisa e extensão trabalha com planejamento urbano e regional, discute os decursos do processo de urbanização e gestão urbana, estimula a atuação profissional dos alunos de arquitetura e urbanismo de maneira crítica e propositiva

do conjunto das políticas públicas, além de análise construtiva dos planos e projetos urbanos/urbanísticos, entre as diversidades do território de Mato Grosso. Disponível em: https://www.instagram.com/ufmt_epura/

Fortalecimento da memória coletiva e integração da comunidade - UFMT (MT)

Atua com os ODS: 04, 10

Para além da comunidade acadêmica em geral, o projeto promove ações de capacitação, oficinas, produção literária, cursos, saraus, espetáculos e produção artística em suas diferentes formas a profissionais do segmento artístico-cultural bem como integrantes e usuários das comunidades escolares, a fim de aprimorar o desenvolvimento educacional e melhoria da qualidade de vida das comunidades envolvidas. Disponível em <https://sistemas.ufmt.br/ufmt.siex/Projeto/Detalhes?projetoUID=2374>

Livros Abertos - UnB (DF)

Atua com os ODS: 04; 10

Espaços lúdicos são criados pelo projeto para o diálogo da literatura infanto-juvenil com crianças e jovens em rodas mediadas por alunos de diversos cursos, e profissionais da educação membros das comunidades escolares e por meio de plataformas digitais, que buscam alcançar educadores independente do lugar de trabalho. Disponível em: http://ip.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=460&Itemid=466

Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres (NEPeM) - UnB (DF)

Atua com os ODS: 04, 05, 10, 16 e 18.

O núcleo desenvolve projetos de extensão e pesquisa voltados para os direitos das mulheres desde 1987, sendo um dos mais antigos do Brasil em funcionamento.

• COLETIVAS

CuraRe - UFAL (AL)

Atua com os ODS: 03; 04; 20

Trata-se de um grupo de pesquisa com caráter interdisciplinar, que trabalha com as intersecções entre a religião, saúde, cura, doença, corporalidade e antropologia.

Disponível em: <https://ics.ufal.br/pos-graduacao/mestrado-em-antropologia/grupos-de-pesquisa>

Coletivo Flutua (LGBTQIA+) - UFAL (AL)

Atua com os ODS: 03; 05; 10

Através de ações de conscientização da comunidade acadêmica e público em geral relacionados à saúde e direitos da população LGBTQIA +. Ademais, o coletivo realiza educação, produção de conteúdo, projetos e pesquisas, a fim de melhorar a qualidade de vida e acesso dessa população a informação e serviços de qualidade. Disponível em: <https://www.instagram.com/flutua.coletivo/>

Coletivo Madás UFBA (BA)

Atua com os ODS: 3; 4; 5; 8; 10; 18

Trata-se de um coletivo feminista interseccional da faculdade de direito, em que questões relacionados a equidade de gênero são trabalhadas, buscando a emancipação coletiva de mulheres, atuando em orientação jurídica para mulheres que buscam por ajuda, atos políticos, trabalho de escuta coletiva e produção de conteúdos relacionados ao direitos e empoderamento feminino.

Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivomadas/>

Coletiva EmpodeRI - UFPB (PB)

Atua com os ODS: 04; 05; 10

Desde 2017, o projeto une a formação acadêmica e movimento estudantil, promovendo encontros de estudo, diálogo e eventos, em busca da capacitação e informação acerca de temáticas feministas pelos direitos das mulheres dentro e fora da comunidade acadêmica, repercutindo na formação do Laboratório Social de Mulheres Universitárias no Ativismo (LabMUA).

Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivoempoderi/>

Coletivo Pesquisadores Negres - (BA)

Atua com os ODS: 4; 5; 10; 18

Com o objetivo de assegurar a pesquisadoras e pesquisadores negros um espaço de acolhimento, o projeto visa compartilhar ideias, discutir a temática racial dentro do ambiente acadêmico, evidenciando autoras e autores negros, assim como autores não negros que abordam a temática racial. Disponível em:

<https://www.instagram.com/neusasantos.coletivo/>

• EXTENSÃO

LAURBS - UFCA (CE)

Atua com os ODS: 12; 15; 16

Grupo interdisciplinar de pesquisa, extensão, cultura e ensino, que se dedica a debater, analisar e produzir conhecimento acerca das questões urbano-regionais e metropolitanas relacionadas à sustentabilidade e de políticas públicas educacionais, urbanas e ambientais.

Disponível em: <https://laurbs.ufca.edu.br/>

Projeto Curupira - UFPE (PE)

Atua com os ODS: 04, 13; 14

Abordando temas sobre desastres ambientais e suas consequências socioambientais, o projeto utiliza da oceanografia para ações de educação continuada, entre membros da

comunidade acadêmica e sociedade civil vistos como agentes sociais das localidades impactadas. Disponível em: <https://sites.ufpe.br/sosmar/projetos/>

O Gambá, grupo ambientalista da Bahia - (BA)

Atua com os ODS: 04; 11; 14

Baseando-se em princípios como democracia e justiça social, o projeto promove a conservação ambiental, desenvolvimento sustentável desde 1982.

Dentre suas diversas ações, destaca-se a denúncia a irregularidades ambientais, presença em cargos de ONGs ambientalistas, campanhas e mobilização social, monitoramento e recuperação da fauna e da flora, elaboração e execução de projetos, assim como de pesquisas. Disponível em: <https://www.gamba.org.br/instituicao/quem-somos>

Saúde Ambiental na Escola - UFPB (PB)

Atua com os ODS: 03; 04; 06; 12; 13; 15

Utilizando a metodologia estratégica sob o ponto de vista de Paulo Freire, o projeto atua na formação de estudantes em escolas da região, mobilizando a construção de soluções viáveis para os problemas ambientais da cidade e região. Disponível em: <https://extensaocenufpb.wixsite.com/extensao/saude-ambiental-na-escola>

Usina Escolar Solar - UFPB (PB)

Atua com os ODS: 04; 07; 11; 17

Através da partilha com as escolas públicas da Paraíba e sociedade conhecimento sobre Tecnologias com Energia Solar, bem como produção de material interativo online o tema: Disponível em: <https://www.instagram.com/usinaescolasolar>

Projeto Educa Ocean - UFPE (PE)

Atua com os ODS: 04; 06; 07; 12; 13; 14; 15

O projeto visa aplicar a oceanografia socioambiental como uma ferramenta de educação ambiental, de modo a atender às necessidades de desenvolvimento das regiões oceânicas e costeiras, considerando sua relevância para o meio ambiente e sociedade. A atuação do projeto acontece em escolas do ensino médio da região, campanhas, palestras, oficinas de reciclagem e gincanas, abarcando a sociedade para além dos membros do projeto. Disponível em: <https://www.facebook.com/EducaOcean/> Projeto EducaOcean alia Educação Ambiental e Oceanografia em ações para a comunidade - Notícias da Proexc

NORTE

• COLETIVAS

Coletivo Mulheres em Movimento - (TO)

Atua com os ODS: 05; 08; 10; 18

Busca desenvolver o crescimento econômico e social, além de fomentar o empreendedorismo feminino, o projeto promove eventos de divulgação e troca do trabalho autônomo de mulheres empreendedoras. Disponível em: <https://conexaoto.com.br/2021/06/17/sebrae-e-parceiro-da-1a-feira-de-mulheres-empendedoras-de-porto-nacional>

<https://www.portonacional.to.gov.br/index.php/blog-de-noticias/2748-o-coletivo-mulheres-em-movimento-realizou-a-primeira-feira-de-mulheres-empendedoras-de-porto-nacional>

Coletivo Amazônico LesBiTrans - (AM)

Atua com os ODS: 05; 10; 16

Organização da sociedade civil pautada em lutar pelos direitos da população LGBTQIA+, por meio de divulgação de conteúdo educativo e ações coletivas, sendo o principal polo de atuação voltado às mulheres LGBTs moradoras dos RUCs – Reassentamentos Urbanos Coletivos de Altamira. Disponível em: <https://lesbitransamazonia.blogspot.com/>

Rede Mulherações - (AC)

Atua com os ODS: 04; 18; 20

Trata-se de uma rede de ações voltadas à formação de mulheres negras, afroindígenas e indígenas do Acre. O projeto atualmente prepara a entrada de mulheres para a pós-graduação e apoio a mulheres em privação de liberdade. Há produção de conteúdo a fim de educar a comunidade sobre questões de gênero, raça e direitos humanos. Disponível em: <https://www.instagram.com/mulheracoes/>

• EXTENSÃO

Educação para a democracia - PROEX/UFPA - (PA)

Atua com os ODS: 04; 10; 16

Voltado para alunos secundaristas do ensino público, são realizadas uma série de debates e conteúdo produzido por mídias digitais, sobre as diretrizes básicas do Direito Constitucional e discussões sobre a Filosofia Política. Disponível em: <https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/12085-projeto-de-extensao-leva-informacoes-sobre-direitos-constitucionais-e-democracia-para-alunos-secundaristas>

Enactus UFPA - (PA)

Atua com os ODS: 03, 05, 08, 10, 13,

Enactus é uma organização internacional sem fins lucrativos, voltada à ação empreendedora como meio de mudança positiva global. No Brasil, há diversas universidades aliadas ao projeto, sendo que a Enactus UFPA trabalha para o desenvolvimento sustentável da Amazônia, independência econômica de mulheres periféricas, produção de produtos sustentáveis, combate à poluição em suas diversas possibilidades, inovação social, melhora da qualidade de vida e bem estar social. Disponível em: <https://www.instagram.com/enactusunb/>

Estratégias de atenção em saúde bucal a indígenas da casa de atenção à saúde indígena do distrito sanitário especial indígena Guamá CESUPA - (PA)

Atua com os ODS: 03, 05, 10, 20

Promove a saúde, autocuidado minimização de determinantes epidemiológicos e preservação bucal de indígenas, através da promoção de ações em comunidades com atenção básica distantes da equidade social, e visa oferecer às comunidades indígenas a Casa de Apoio à Saúde Indígena-CASAI do Distrito Sanitário Especial Indígena do Guamá-Tocantins. Disponível em: <https://www.cesupa.br/Extensao/ProjetoExtensao/>

Projeto Minerva - UNIFAP (AP)

Atua com os ODS: 04; 08; 09

O projeto trabalha em busca de despertar o interesse de meninas para ciências exatas e tecnológicas, por meio da divulgação das contribuições femininas para a engenharia e demais ciências, oficinas e palestras. Essas ações ocorrem em escolas públicas de educação básica do estado, e por meio de divulgação em mídias digitais. Disponível em: <https://www.instagram.com/minervaprojeto/>

Projeto de extensão UFAC e CPI-ACRE - (AC)

Atua com os ODS: 04, 10, 20

Trata-se da elaboração de um espaço educacional para gerir áreas protegidas dos povos indígenas e populações tradicionais. Disponível em: <https://cpiacre.org.br/projeto-de-extensao-ufac-cpiacre/>

ATAU - UNIFAP (AP)

Atua com os ODS: 08, 10, 11; 16,

Através de assessoria técnica gratuita em arquitetura e urbanismo a famílias de baixa renda, o projeto envolve os alunos em atividades que garantem a experiência profissional ao longo de sua formação, além de produção de informação digital gratuita sobre arquitetura e urbanismo. Disponível em: <https://www2.unifap.br/atau/>

Meninas na Computação - UNIFAP (AP)

Atua com os ODS: 04; 05; 08; 10

O projeto busca incentivar o público feminino para a área da computação e levantar discussões sobre desafios de mulheres nas áreas de atuação que possuem majoritariamente o gênero masculino. As ações acontecem para além do ensino superior, com alunas do ensino fundamental das escolas da região. Disponível em: <http://www.unifap.br/events/meninas-da-computacao/>

SUDESTE

• COLETIVAS

Coletivo Feminista Yabá - PUC/SP (SP)

Atua com os ODS: 04; 05; 08; 10; 18

Atua no combate às diversas formas de opressão às mulheres, contra o racismo LGBTfobia e sociedade de classes. Disponível em: <https://www.instagram.com/yabacoletivofeminista/>

Ecoletivo PUC/RJ (RJ)

Atua com os ODS: 03; 07; 11; 12; 13; 14; 15

O coletivo é responsável por fomentar ações engajadas pela pauta socioambiental, como projetos de impacto, educação ambiental, ativismo socioambiental assim como discussões interdisciplinares. Disponível em: <https://www.instagram.com/ecoletivopucurio/>

Promotoras Legais Populares - (SP)

Atua com os ODS: 05; 08; 10; 18

Objetivando estimular a participação política e cidadã de mulheres, o projeto enfrenta desigualdades de gênero, se baseia em justiça social, democracia e dignidade humana. De modo que a 20 anos promove ações de conscientização e cursos gratuitos e voluntários sobre a temática. Disponível em: <https://www.instagram.com/plpjundiai/>

Coletivo de Mulheres Alzira Reis - Medicina UFMG (MG)

Atua com os ODS: 03; 04; 05; 10

Com o objetivo de lutar contra o machismo, o coletivo busca levar para dentro da universidade o debate sobre temas relacionados ao feminismo e suas lutas, produção de conteúdo de cunho feminista e envolvimento da comunidade acadêmica nos assuntos ligados aos direitos das mulheres. Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivoalzirareis/>

Coletivo FEPNES - (ES)

Atua com os ODS: 04; 05; 10; 18

Utilizando metodologias de combate ao racismo, sexismo, intolerância em seus diversos aspectos sociais e homofobia, o coletivo busca empoderar e fortalecer a população negra, promovendo equidade e propagação cultural de saberes e tradições. Disponível em: https://www.instagram.com/coletivo.fepnes2019/?utm_medium=copy_link

• EXTENSÃO

Oceanografia para Todos UFES - (ES)

Atua com os ODS: 13; 14

A sociedade, meio ambiente e oceanografia são conectados pelo projeto por meio de pesquisa e ações universitárias, repercutindo na produção de conteúdo em mídias digitais. Disponível em: <https://www.instagram.com/oceanografiaparatodos/>

Unapi UFES - (ES)

Atua com os ODS: 03; 04; 10; 16; 17

O principal objetivo do projeto é propiciar a pessoas com idade superior ou igual a 60 anos educação continuada, melhora da qualidade de vida dos participantes, contribuir para políticas públicas relacionadas ao envelhecimento, tal como possibilitar aos extensionistas e estagiários experiência prática, realização de estudos, pesquisas e ações relacionadas ao tema. Disponível em: <https://www.instagram.com/unapiufes/>

Projeto Síntese - UERJ (RJ)

Atua com os ODS: 04; 09; 11; 14; 15

Como missão, o projeto desenvolve e aplica novas tecnologias voltadas à sustentabilidade, estimulando atitudes de responsabilidade socioambiental. Disponível em: <https://www.fat.uerj.br/projeto-sintese/>

Mães na Universidade - UFRJ (RJ)

Atua com os ODS: 04; 08

O projeto trabalha para permitir o acesso, permanência e progressão das mães dentro da universidade. São realizados debates, produção de conteúdo informativo e estudos relacionados à temática. Disponível em: <https://www.instagram.com/projetomaesnauniversidadeufrj/>

Extensão Natural - USP/SP (SP)

Atua com os ODS: 01; 11; 16

Visa a divulgação científica, pesquisa e desenvolvimento sobre sustentabilidade integral, objetivando uma nova racionalidade ambiental, repensando as fronteiras entre a educação em universidades, ensino básico e áreas naturais protegidas. Disponível em: <https://www.extensaonatural.com/>

Coletivo Feminista Raiz Fulô - USP/SP (SP)

Atua com os ODS: 04, 05; 10; 18, 19

Voltado a desconstruir práticas tradicionais abusivas contra mulheres, o projeto atua na universidade ocupando espaços, realizando eventos, feiras, produção de conteúdo científico, lutando e dando suporte a institucionalização de direitos e demandas femininas no campus universitário. Disponível em: <https://www.instagram.com/raizfulo/>

Colmeia UFMG - (MG)

Atua com os ODS: 08; 11; 12

Grupo de estudos, extensão e pesquisa em economia popular e solidária. Realiza ações de apoio a iniciativas econômicas populares, principalmente em processos de comercialização. Disponível em: <https://colmeiasolidariaufmg.wordpress.com/2021/04/05/livreto-sobre-comercializacao-virtual/>

SUL

• COLETIVAS

Coletivo Paulo Freire - UNESPAR (PR)

Atua com os ODS: 04; 05; 10; 16

Atua promovendo vivências interculturais, libertadoras e descoloniais, trabalhando com temáticas relacionadas à cultura, filosofia, sociologia e direitos básicos. Disponível em: https://www.instagram.com/coletivo_paulofreire_unespar/

Coletivo Florescer Feminista UNIOESTE (PR)

Atua com os ODS: 04; 05; 10; 16

Divulga informações acerca de pautas feministas, e levanta diálogos sobre temáticas voltadas a mulheres, dentro e fora da comunidade acadêmica. Disponível em: <https://www.instagram.com/colflorescerfeminista/>

Coletivo Yalodê-Badá - (PR)

Atua com os ODS: 04; 10; 18

Organizado por jovens negros, o projeto trabalha temáticas raciais a partir de movimentos sociais, resistindo a opressão política, histórica, de construto social político e econômico, utilizando de mídias digitais para produção de conteúdo informativo e educação de qualidade. Disponível em: <https://www.instagram.com/yalodebada/>

Coletivo Afronta - UFSM (RS)

Atua com os ODS: 04; 10; 16; 18

Criado em 2010, o coletivo trabalha discussões sobre políticas efetivas de permanência, disponibilidade de referencial teórico negro nas bibliotecas universitárias, estética e cultura negra, racismo institucional e o reconhecimento entre estudantes negros da universidade. Disponível em: <https://www.instagram.com/afronta.ufsm/>

• EXTENSÃO

LEA - Língua e educação antirracista - UFRGS (RS)

Atua com os ODS: 04; 18

Fomenta ações entre o ensino de línguas e educação para as relações étnico-raciais no espaço universitário, além de educação antirracista em escolas e no decurso da formação de professores. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/lea/sobre/>

Projeto de Extensão UMA Meio Ambiente - UFSM (RS)

Atua com os ODS: 11, 12, 13, 19

Busca o desenvolvimento institucional, estando de acordo com a Agenda 2030, alinhando suas ações em busca de conscientização socioambiental, agrupando ações em prol de uma responsabilidade coletiva. Disponível em: <https://www.instagram.com/umaufsm/>

Programa de Extensão Mão na Mídia - UFSM (RS)

Atua com os ODS: 04, 13, 17, 18 e 19

Tem como objeto a Comunicação no ambiente escolar, com ênfase nas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). O objetivo principal é articular ações educacionais que desenvolvam o protagonismo juvenil e a cidadania dos estudantes de Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas de Frederico Westphalen e Região, os resultados esperados são de ampliação do acesso ao conhecimento comunicacional, contribuindo assim para o protagonismo da juventude nas áreas de direitos e cidadania. Disponível em: <https://linktr.ee/MNMUFSMFW>

Clínica Feminista UFRGS - (RS)

Atua com os ODS: 03; 05; 10

O projeto trabalha em perspectiva de interseccionalidade, divulgando informações sobre saúde mental, acesso a direitos das mulheres, elaboração de cursos, eventos, pesquisa e extensão. Disponível em: <https://www.instagram.com/clinicafeministaufrgs/>

Meninas e Mulheres nas Ciências da UFPR - (PR)

Atua com os ODS: 04; 05; 10

O projeto busca empoderar mulheres para que se sintam capazes de seguir a carreira científica. Além do mais, o projeto busca

motivar meninas a descobrirem o interesse pela ciência. Como meio de atingir os objetivos, o projeto desenvolve material didático para escolas e conteúdo para redes sociais, os temas giram em torno da ampliação das referências femininas do público, além de exposições e oferta de cursos voltados a equidade de gênero para qualificação profissional de professores, assim como minicursos, oficinas, palestras e debates. Disponível em: <https://www.culturag30.com.br/meninas-e-mulheres-nas-ciencias-projeto-de-extensao-da-ufpr/>

Extensão Infância UEPG - (PR)

Atua com os ODS: 04; 10

Temas relacionados ao processo educativo das crianças na educação infantil e práticas pedagógicas são articulados a partir de encontros coordenados pelo departamento de Pedagogia e de Educação, a fim de propiciar aos acadêmicos de pedagogia um debate com profissionais de saúde, professores da rede municipal de ensino e representantes da Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa. Disponível em: <https://portal.uepg.br/noticias.php?id=9486>

LEITURAS INSPIRADORAS

Mais do que uma lista de referências, o rol a seguir indica um conjunto de autoras e autores que nos formam, nos acompanham e nos convidam a refletir sobre os rumos da produção do conhecimento nas universidades, de nossas práticas e da integração de saberes.

São autoras/es de diversas posicionalidades na geopolítica mundial do conhecimento que produzem um mosaico, plural e inovador, capaz de enfrentar um dos problemas mais complexos da contemporaneidade: a forma como desigualdades persistem, aprofundam-se e transformam-se em uma dinâmica desumana e cruel.

Esse processo, ao mesmo tempo estranho e familiar, silencia experiências e afasta um número crescente de pessoas do "bem-viver", do exercício de uma vida digna, integrada ao meio ambiente e em que se possa sonhar com um devir de equidade e justiça social. Outras e outros autores certamente ficaram de fora, dadas as contingências de tempo e espaço, mas somos igualmente gratas/os aos aprendizados que tivemos com todos os saberes não hegemônicos que desestabilizam as crenças geradoras de epistemicídios de toda ordem.

Que a ousadia da escrita, do ensino, da pesquisa, da extensão nos leve para além do imaginado, para além das estruturas e nos permita produzir coletivamente sentidos mais humanos para as nossas democracias.

AKOTIRENE, Carla. "Interseccionalidade" 1ª Edição. São Paulo. Sueli Carneiro, Polén; 2019. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_\(Feminismos_Plurais\)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_(Feminismos_Plurais)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359)>

ALMEIDA, Miguel Vale de (org). Corpo presente: treze reflexões antropológicas sobre o corpo. Oeiras: Celta Editora, 1996.

ALMEIDA, Silvio. "Racismo Estrutural" 1ª Edição. São Paulo. Sueli Carneiro, Polén; 2019. Disponível em: <http://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf>

BARRAGÁN, Alba Margarita Aguinara. LANG, Miriam. CHÁVEZ, Dunia Mokrani, SANTILLANA, Alejandra. Pensar a partir do feminismo: críticas e alternativas ao desenvolvimento. Descolonizar o imaginário: debates sobre o pós-extratativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo/ Elefante/Autonomia Literária, 2016, p. 88-120.

BERTH, Joice. "Empoderamento." 1ª Edição. São Paulo. Sueli Carneiro, Polén; 2019. Disponível em: <<https://www2.unifap.br/neab/files/2021/01/Empoderamento-Feminismos-Plurais-Joice-Berth.pdf>>

BLEIKER, R. (2018). Visual Global Politics. New York: Routledge, 2018.

BUTLER, Judith. Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del 'sexo'. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCAR. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCAR, n. 1, jan-jun, 2011, p. 13 - 33.

CABRAL, R.; GEHRE, T. (Org.) Guia Agenda 2030: Integrando ODS, Educação e Sociedade. São Paulo: LM, 2020. Disponível em: www.guiaaagenda2030.org. Acesso: 01/07/2021.

CARNEIRO, Sueli. "Racismo, Sexismo e Desigualdade Social." 1ª Edição. São Paulo. Selo Negro Edições.; 2011. Disponível em: <<https://institutoressurgir.org/wp-content/uploads/2018/07/Racismo-Sexismo-e-Desigualdade-Sueli-Carneiro-1.pdf>>

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. São Paulo: Veneta, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONNELL, Raewyn. Gênero em termos reais. Tradução Marília Moschkovich. São Paulo: Inversos, 2016, 272 p.

CONNELL, Raewyn. Southern theory: the global dynamic of knowledge in social sciences. Cambridge, Polity, 2007. Part 1. Northern Theory, pp. 1 - 68.

CORRÊA, S. e ÁVILA, M.B. Direitos Sexuais e Reprodutivos - Pauta Global e Percursos Brasileiros. In: BERQUÓ, E. (org.). Sexo & Vida: Panorama da Saúde Reprodutiva no Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 17-78, 2003, p. 23

CRENSHAW, Kimberlé. "Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero". Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>, 2012.

DAVIDS, Nuraan; WAGHID, Yusef. Teaching, Friendship and Humanity. Springer Briefs in Citizenship Education for the 21st Century. Springer, 2020

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. MENEZES, Maria Paula. "Epistemologias do Sul." Coimbra, Gráfica de Coimbra; 2009. Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/epistemologias_do_sul_boaventura.pdf>

DU BOIS, W.E. Burghardt. "Black Reconstruction In America." New York. Harcourt, Brace And Company; 1935. Disponível em: <https://warwick.ac.uk/fac/arts/english/currentstudents/undergraduate/modules/fulllist/second/en213/syllabus2017-18/counterrevolution_blackreconstruction.pdf>

ESCOBAR, Arturo. Pluriversal Politics. The Real and the Possible: Durham and London. Duke University Press, 2020.

FINNEMORE, Martha. JURKOVICH, Michelle. "The Politics of Aspiration." International Studies Quarterly, o (2020): 1-11.

FREIRE, Paulo. "Pedagogia do Oprimido." 17ª Edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra;

1987. Disponível em: <<https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>>

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire, São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GONZÁLEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos. Editora Zahar/ Grupo Companhia das Letras, 2020.

GROSGUÉL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Sociedade e Estado. Vol.31, no 1, Brasília. Jan/Abr 2016. Guimarães, N. A., & Acciari, L. (2021). Entrevista com Patricia Hill Collins. Tempo Social, 33(1), 287-322/323. Disponível: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2021.174340>

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu (5), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 1995, pp.7-41.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias na teoria feminista. Revista Estudos Feministas, n. 1, 1993, p 7 - 32.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Revista Tempo Social, v. 26, no. 1, 2014.

INOUE, Cristina Yumie Aoki. Abordagem dos 'muitos mundos' aplicada ao estudo da política ambiental global no antropoceno: vozes indígenas na Amazônia. Monções, 2020, v.9, n.18, jul./dez, p. 438.

KRENAK, Ailton. "Ideias Para Adiar o Fim do Mundo." 2ª Edição, São Paulo, Companhia das Letras; 2020. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5727070/mod_resource/content/1/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo-1-34.pdf>

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/ 2014.

MANZINI, Ezio. Politics of the everyday. London/NY: Bloomsbury, 2019.

MARTINS, Ana Paula Antunes. Corporificação e visões de mundo da política feminista e de mulheres na contemporaneidade: diálogos, imagens e discursos sobre marchas de mulheres (2012-2017). 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

OYĒWŪMÍ, Oyèrónkẹ́. Conceituando gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: Hollanda, Heloisa Buarque de. Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

RANTA, Eija. Vivir Bien as na alternative to neoliberal globalization. Can indigenous terminologies decolonize the state? Routledge, Nova Iorque, 2018, pp. 1-15

RIBEIRO, Djamila. "O Que É Lugar de Fala?" 1ª Edição. São Paulo. Sueli Carneiro, Polén; 2019.

RICHARDSON, Diane. Constructing sexual citizenship theorizing sexual rights. Critical social policy, n.62, v. 20(1), 2000, p.105-135

SANTOS, Boaventura de SOUZA. *O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SCOTT, Joan. "Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica." *Educação e Realidade*; UFRGS; 1995. Disponível: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>

SVAMPA, Maristella. *As fronteiras do neoextrativismo na América Latina*. São Paulo: Elefante, 2019.

WALBY, Sylvia. *Feminism in a global era. Economy and society*, vol. 31, n. 4, nov. 2002, p. 533 – 557.

Roda das Minas



A Roda das Minas possui uma **biblioteca online no Drive** com diversos textos, livros, cartilhas e demais formatos de produção de conhecimento.

Fique a vontade para utilizá-la!